

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

A Itália no cinema: cartões-postais e o imaginário do amor romântico

CESAR AUGUSTO ALENCAR DE OLIVEIRA

SÃO PAULO

2016

UNIVERSIDADE PAULISTA– UNIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

A Itália no cinema: cartões-postais e o imaginário do amor romântico

Dissertação para obtenção do título de mestre em Comunicação, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Paulista – UNIP.

Orientadora: Prof.^ªDr.^ª Heloísa de Araújo Duarte Valente.

CESAR AUGUSTO ALENCAR DE OLIVEIRA

SÃO PAULO

2016

Oliveira, Cesar Augusto Alencar de.

A Itália no cinema: cartões-postais e o imaginário do amor romântico / Cesar Augusto Alencar de Oliveira. - 2016.
96 f.

Dissertação de Mestrado Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2016.

Área de Concentração:Configuração de Linguagens e Produtos Audiovisuais na Cultura Midiática.

Orientadora: Prof.^a Dra. Heloísa de Araujo Duarte Valente.

1.Cinema. 2. Itália. 3. Amor. 4. Romântico. I. Valente, Heloísa de Araujo Duarte (orientadora). II. Título.

CESAR AUGUSTO ALENCAR DE OLIVEIRA

A Itália no cinema: cartões-postais e o imaginário do amor romântico

Dissertação para obtenção do título de mestre em Comunicação, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Paulista – UNIP.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

_____ / ____ / ____

Prof.^aDr.^a Heloísa de Araújo Duarte Valente –UNIP

_____ / ____ / ____

Prof.Dr. Gustavo Souza da Silva – UNIP

_____ / ____ / ____

Prof.Dr.Edson do Prado Pfutzenreuter – UNICAMP

AGRADECIMENTOS

A Ethel, Pedro e Dirce pelo apoio incondicional.

À Prof.^aDr.^a Heloísa de Araújo Duarte Valente, minha orientadora, por todo o apoio.

Aos professores doutores Gustavo Souza da Silva e Edson do Prado Pfutzenreuter pelas valiosas contribuições a este trabalho durante a qualificação.

Aos meus colegas de mestrado com os quais aprendi muito.

Ao PROSUP pela bolsa concedida.

RESUMO

Este estudo pretende reconstruir o imaginário da Itália com base em obras cinematográficas estadunidenses (ou por cineastas dessa nacionalidade), para analisar como a Itália é explorada pelo cinema a partir de seus traços particulares, sob a ótica dos diretores: da intensa vida cultural à desordem na vida cotidiana; o imaginário do *locus* onde o amor romântico pode se realizar. Para tanto, foram selecionados quatro longas-metragens de épocas diferentes e contrastantes entre si (*O Candelabro italiano*, *Quando setembro vier*, *Para Roma com amor* e *Sob o sol da Toscana*), que, no entanto, apresentam semelhanças e elementos em comum na forma de apresentar o romântico na Cidade Eterna e em outras regiões do país. Nestas obras, as cidades são exploradas como cartões-postais de catálogos de turismo que vendem o “passaporte para a realização amorosa”; os personagens, bem como suas atitudes, seguem padrões estereotipados. Some-se, de maneira complementar, o papel da música incidental e as canções-tema como elementos de forte impacto na semântica pretendida pelos diretores. Como principais referenciais teóricos, servirão de base para a análise os conceitos de performance (ZUMTHOR), o turismo como elemento simbólico de realização do amor e do imaginário (MORIN) e as formas de análise filmica (AUMONT).

Palavras-chave: Cinema; Itália; Amor; Romântico.

ABSTRACT

This study intends to reconstruct the imagery of Italy, since american cinematographic works (or works by American filmmakers) to analyze how Italy is explored in movies, from its particular traits, by the perspective of these directors: from its intense cultural life to the everyday life disorder; the imaginary locus where the romantic love can take place. Therefore, four feature films were selected from different periods and contrasting between themselves (*Rome Adventure*, *Come September*, *To Rome With Love* and *Under the Tuscan Sun*) which, nonetheless, have similarities and elements in common, in the way they present the romantic at the Eternal City and other regions of the country. In these works, the cities are explored as postcards from tourism catalogs, that sells the “passport to the loving realization”; the characters, as well as their attitudes, follow stereotyped patterns. Adding to that, in a complementary way, the role of incidental music and theme songs as elements of strong impact at the directors desired semantic. As main theoretical references, the concepts of performance (ZUMTHOR), the tourism as a symbolic element of realization of love and imaginary (MORIN) and the methods of filmic analysis (AUMONT), will form the basis of the analysis.

Keywords:Cinema; Italy; Love; Romantic.

Lista de figuras

Figura 1 – Anúncio com atores de <i>Quando setembro vier</i>	32
Figura 2 – Katherine é a representação da Itália para Hollywood	35
Figura 3 – Personagem Prudence decide deixar os EUA (4')	38
Figura 4 – As mantenedoras da escola (4'07").....	38
Figura 5 – No navio, rumo à Itália (6'38").....	40
Figura 6 – Frances com o advogado, desiludida (5'50").....	40
Figura 7 – Frances não quer viajar para esquecer seu ex-marido (10')	41
Figura 8 – A italiana cede aos encantos do estadunidense (6')	42
Figura 9 – O início de um romance (2'50").....	44
Figura 10 – O arquiteto revisita seu passado (17').....	44
Figura 11 – Don compra o candelabro (34'33").....	46
Figura 12 – Novamente, tomando Strega, a chuva dá o tom romântico da cena (1:14')	48
Figura 13 – Don está na América, aguardando a chegada de Prudence (1:58')	49
Figura 14 – A mansão transformada no Hotel La Dolce Vista (14'20").....	50
Figura 15 – Lisa decide largar Robert (1:17')	51
Figura 16 – Cenas finais com novas hóspedes (1:48').....	52
Figura 17 – Provocando o noivo (1:48')	53
Figura 18 – Robert conquista de vez a italiana (1:48')	53
Figura 19 – Katherine provoca Frances (18'30").....	54
Figura 20 – No cartório, recebendo as chaves de sua nova casa (25'30").....	55
Figura 21 – Katherine incentiva Frances a procurar um novo amor (42')	56
Figura 22 – Frances faz planos para a casa (46')	57
Figura 23 – Sonho realizado: sua casa está cheia de vida (1:42').....	58
Figura 24 – Um novo amor para Frances (1:44').....	59
Figura 25 – Celebridade instantânea é perseguida por repórteres na porta de casa (28') ...	60
Figura 26 – O tenor só canta no chuveiro, mesmo estando no palco (1:38'25").....	61
Figura 27 – Além de se perder pela cidade, a interiorana também perde o celular (16'40") ..	62
Figura 28 – Leopoldo quase é atropelado por diversas Lambrettas (1:32')	62
Figura 29 – Um morador convida o espectador a voltar à Roma (1:42')	63
Figura 30 – Cenas iniciais com o “bolo de noiva”	64
Figura 31 – Chegada de Frances à Roma (55'30")	65
Figura 32 – Do Hotel onde Mark está hospedado há vista para o “bolo de noiva” (11'50") ...	65
Figura 33 – Fontana de Trevi (3').....	66

Figura 34 – Cada local da cidade deixa Prudence fascinada – Piazza Navona (30')	66
Figura 35 – Primeira cena de Frances na Itália (14'20")	67
Figura 36 – De Lambreta, nem mesmo a chuva atrapalha o romance (1:13')	68
Figura 37 – As Lambrettas fazem parte da trama (59')	69
Figura 38 – A Lambretta presente no cenário de romance (53')	69
Figura 39 – Os jovens apostam corrida com o experiente Robert (52')	69
Figura 40 – Em segundo plano, monumento a Vittorio Emmanuelle II e as Lambrettas (2')	70
Figura 41 – As Lambrettas continuam presentes no trânsito da cidade (18'40")	70
Figura 42 – A Lambretta participa como figurante da cena (1:30')	71
Figura 43 – Lambrettas fazem parte da rotina da cidade em Sob o sol da Toscana (56'20")	71
Figura 44 – Frances chega à casa de Marcello (1:27')	72
Figura 45 – O primeiro passeio de Prudence por Roma (11'38")	73
Figura 46 – Passeio em carro conversível (23')	73
Figura 47 – Em conversível, por Milão (1'16")	74
Figura 48 – A caminho da mansão no litoral (9'50")	74
Figura 49 – De conversível, Frances segue para sua aventura romântica (59'20")	75
Figura 50 – Prudence escolhe queijo em feira livre (1:17')	76
Figura 51 – Frances vê Katherine pela primeira vez (16')	76
Figura 52 – Visita a uma feira livre (1:10')	77

Sumário

INTRODUÇÃO	11
A Itália e o cinema estadunidense	14
1. A ITÁLIA NO CINEMA, A ITÁLIA DO CINEMA	17
1.1 Sinopses	21
1.1.1 Candelabro italiano	18
1.1.2 Quando setembro vier	19
1.1.3 Sob o sol da Toscana	19
1.1.4 Para Roma com amor	20
1.2 Amor e liberdade	25
1.3 A análise do filme	18
2. CONSTRUTOS DO ROMÂNTICO	29
2.1 Paisagens e monumentos	30
2.2 A Lambretta como símbolo italiano	31
2.3 Manipulação da realidade: <i>la dolce vita</i>	32
3. VOU PARA ONDE AS PESSOAS SABEM O QUE É O AMOR	35
3.1 Canções que embalam o amor romântico	36
3.2 Deixar a América	37
3.3 Encontrar o amor na Itália e ter um final feliz	45
3.4 O amor não é um produto que se vende dando brindes	49
3.5 Quem não gostaria de comprar uma vila na Toscana?	53
3.6 Nesta cidade, tudo é uma história	59
3.7 Monumentos	63
3.8 A Lambretta	67
3.9 Sol e natureza	72
3.10 Feira livre	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	84
ANEXOS	87

INTRODUÇÃO

O cinema passou a fazer parte da vida das pessoas que apreciam essa arte das mais diversas formas; por exemplo, um filme que chama a atenção na TV, uma história contada pelo pai, avô, por um amigo... A curiosidade em visitar outras realidades ou outras épocas, aprender história ou entender a evolução do ser humano. Em outros casos, conhecer novos lugares, novas culturas, novas representações: o que determinados locais representam no imaginário das pessoas e como este é sugerido – ou (re)criado – nas telas de cinema. Esta representação é estudada neste trabalho. De que forma um determinado local é exposto nas telas de cinema e por que é exibido de tal forma? Estar na sala escura do cinema é como viajar, seja no tempo, no espaço ou na imaginação de cada um.

O cinema auxilia na criação do imaginário de determinadas localidades? Quais são os artifícios utilizados pela sétima arte para que a imagem de uma cidade, região ou país fique gravada na mente do espectador? Especificamente, quais são os artifícios utilizados por diretores estadunidenses para contar histórias que se passam na Itália, ao retratá-la em filmes realizados em diferentes épocas?

Nos filmes estadunidenses que têm a Itália como cenário, o amor romântico está presente de diversas formas, sendo representado por locais que misturam cultura e lazer. São cenários para encontros de pessoas que buscam liberdade no país europeu, caso de Prudence, personagem interpretada por Suzanne Pleshette, que sai dos Estados Unidos da América em busca de uma sociedade mais libertária e encontra nos braços de Don (Troy Donahue) essa sensação de liberdade e de ser dona de seu destino. O casal do filme *Candelabro italiano (Rome adventure)* passeia por Roma em uma Lambretta, enquanto os principais pontos turísticos da capital são apresentados. Em seguida, os protagonistas seguem para o norte do país e, na divisa com a Suíça, entregam-se ao amor na região dos Alpes ao som da canção *Al di lá*, vencedora do Festival de San Remo e primeira canção a conquistar o prêmio Grammy, em 1958.¹ Momentos antes já haviam jantado em uma taberna de Roma, quando a mesma canção é interpretada “ao vivo” por Emilio Pericoli.

Paisagens naturais que marcam o espectador estão presentes em diversas cenas de *Sob o sol da Toscana (Under the Tuscan Sun)* e *Quando setembro vier*

¹O Festival de San Remo é o mais importante festival de música da Itália e um dos mais importantes da Europa, sendo realizado desde 1951. O Grammy é uma premiação promovida pelos EUA desde 1959 e é considerado o mais importante prêmio de música do mundo.

(*Come september*). Nas duas obras, a natureza é palco de romances e de busca de um amor que ainda está por vir, tanto nas cenas de horizontes sem fim nos campos da região da Toscana como na Costa da Ligúria.

O interesse pelo estudo do tema surgiu aos poucos. Primeiro, veio o gosto pelo cinema. Em seguida, a curiosidade em saber como a sétima arte mostra as cidades e a apropriação de sensações e recriação de um imaginário nas telas. Roma, uma cidade barulhenta, com trânsito caótico, é mostrada na abertura de *Para Roma com amor* (*To Rome with Love*), em uma sequência em que um guarda de trânsito tenta colocar ordem no vaivém de automóveis e Lambrettas, mas não impede uma batida que é percebida pelo som da colisão misturado às buzinas. Assim, a paisagem sonora da cidade começa a ser apresentada. O que poderia ser considerado um incômodo, torna-se exótico. É uma característica local que torna a capital romana ainda mais atraente pela visão dos cineastas estadunidenses.

Porém, antes de entrar na pesquisa propriamente dita, vale fazer um breve relato, em primeira pessoa, sobre como o interesse por este tema surgiu para mim, quando o então adolescente se aproximou definitivamente da sétima arte. Curioso, noveleiro e caseiro desde pequeno não perdia uma Sessão da Tarde (programa da TV Globo), na década de 1970. Com o tempo, esse interesse cresceu, as sessões da tarde passaram a ser preenchidas pela tela grande. O cinema do bairro, enorme, mas com qualidade de projeção duvidosa, passou a fazer parte da rotina. Mas que importância tinha isso, quando o que importava era estar lá? Viajar sentado em uma poltrona, ouvindo o som do projetor e o barulho do celofane que envolvia os drops Dulcora – hoje substituído pelo som da abertura das latas de refrigerante, pelo cheiro da pipoca e pela luz dos celulares – não incomodava tanto, fazia parte do espetáculo.

Lembro-me de que, ao assistir a *Os dez mandamentos*, filme de Cecil B. De Mille, com Charlton Heston e Yul Brynner, com mais de 3 horas de duração, repentinamente as luzes se acenderam avisando que estava na hora do intervalo. Momento de invadir a *bonbonnière* do amplo saguão de entrada do Cine Clímax, na rua Espírito Santo, no bairro da Aclimação, em São Paulo, para que a segunda parte da sessão fosse tão “saborosa” quanto a primeira.

Já na faculdade de jornalismo, com 18 ou 19 anos, tive a oportunidade de trabalhar em uma locadora de filmes em fitas de vídeo no sistema VHS. O videocassete, equipamento usado para reproduzir as fitas, era a tecnologia mais

avançada do momento. Além das horas investidas na locadora, trabalhei no Banco Real, depois em um sebo e, finalmente, em uma editora, em meus primeiros passos no jornalismo, ainda no segundo ano nas Faculdades Integradas Alcântara Machado – FIAM, em São Paulo.

Entre idas e vindas, foram aproximadamente dois anos de trabalho na locadora. Mas qual é o interesse desses episódios para este estudo? Em que tal história interfere nesta pesquisa?

Trabalhar na locadora, em uma época de difícil acesso às novidades cinematográficas, era a chance de assistir a tudo – em fitas “originais ou genéricas”.

Prestando serviços à Video Movie Locadora, eu podia levar para casa diariamente quantos filmes quisesse, de graça, e ainda receber um salário no final do mês! O sonho de qualquer um que se aventura pelas viagens que o cinema oferece. O trabalho “oficial” e o “bico” na locadora ajudavam a pagar a faculdade e ainda a assistir a algumas novidades que passavam no Elétrico Cine Clube, no Oscarito, no Cinesesc ou no Cineclube Bixiga, entre outros poucos bons locais onde se podia ver – ou rever – filmes que não entravam em cartaz no circuito comercial.

Na locadora, assistia a tudo, mas a porta de entrada foram os filmes de ação com os astros do momento que estrelavam *Rambo*, *O extermínador do futuro*, filmes de artes marciais, entre tantos outros de gosto duvidoso. Aos poucos, a curiosidade aumentou, alimentada pelas películas assistidas nos cineclubs e filmes não tão comerciais, realizados em sua maioria na Europa ou no Japão, China ou Índia, enfim, outros interesses passaram a frequentar o videocassete. As primeiras edições da Mostra Internacional de Cinema de São Paulo² contribuíram para conhecer as mais diversas obras cinematográficas. É difícil dizer se o fascínio maior era pelo filme ou pela fila na porta das salas de exibição. Ir ao cinema é um ritual, é como visitar um templo sagrado, e esta espera sempre foi fascinante – e continua sendo.

Nessa fase de descobertas diárias, tive contato com os diretores mais (re)conhecidos, com filmes que apresentavam maiores cuidados com fotografia, trilha sonora ou temáticas mais interessantes – ou estranhas – como alguns orientais.

Desta forma, o interesse pelo cinema e, em particular, a forma como as cidades são retratadas pela sétima arte chamaram minha atenção. Muitos anos

²A Mostra Internacional de Cinema de São Paulo teve sua primeira edição em 1977. O evento traz para a cidade uma infinidade de obras que não fazem parte do circuito comercial de cinema, atraindo grande público.

depois, o interesse influenciou-me a estudar o tema. Foi este o caminho percorrido até chegar a este projeto de pesquisa, que deu seus primeiros passos em um curso de especialização *lato sensu* com a análise do filme *Meia-noite em Paris*, de Woody Allen, no qual o diretor e roteirista estadunidense retrata uma cidade em que cultura, gente bonita e inteligente, artistas de diversas áreas são encontrados em quantidade em diversas épocas, seja no século XXI ou no final do século XVII.

A Itália e o cinema estadunidense

Como a Itália é explorada pelo cinema, a partir de seus traços particulares, sob a ótica de diretores estadunidenses? Como essa abordagem trata a intensa vida cultural e a desordem na vida cotidiana, destacando o imaginário do *locus* onde o amor romântico pode se realizar plenamente? Neste estudo, analisamos, dentre outros aspectos, como, ao longo de décadas, a Itália é retratada pelas telas do cinema e, principalmente, como o país é associado diretamente à ideia do local em que romances são bem-sucedidos: lá os amores florescem e se perpetuam – na mente do espectador. Isso se repete nas obras selecionadas, com intervalo de realização de aproximadamente cinquenta anos: no início dos anos 1960 e no século XXI.

Para tanto, quatro longas-metragens, já citados, foram selecionados. Apesar de terem sido realizados em épocas diferentes e contrastantes entre si, os longas apresentam semelhanças e elementos em comum na forma de apresentar o romântico na Cidade Eterna e em outras regiões do país. Nestas obras, as cidades são exploradas como cartões-postais de catálogos de turismo, que vendem o “passaporte para a realização amorosa”. Este tipo de abordagem condiz com as ideias de Edgar Morin (1997, p. 73) e a utilização do turismo como elemento simbólico de realização do imaginário no cinema.

Encontrar uma metodologia de análise dos filmes foi um desafio. Mas Jacques Aumont (2007) observa em *A análise do filme* que não existe uma receita padrão quando se pretende estudar obras cinematográficas. Tal atividade pode ser orientada pelos objetivos do autor, como descrevemos neste estudo: a busca de cenas, interpretações, monumentos, sons etc., que demonstram como a Itália está representada no cinema estadunidense.

Os filmes expressam um modo de entender a Itália por meio de signos criados pelo cinema, a fim de enfatizar as características da cultura local que atraem os turistas e aproximam o espectador das telas. Para Bystrina (1995, p.21), “a cultura não é tanto uma questão de razão, embora a razão também participe ativamente. A cultura é condicionada essencialmente pelo inconsciente”.

A forma como o país é visto pelo restante do mundo é auxiliada pela apresentação que o cinema de Hollywood faz da Itália. Os estereótipos utilizados se repetem nas películas em cenários e paisagens, em personagens semelhantes, músicas, românticas ou alegres, recursos que criam a atmosfera e um imaginário para o país. A presença do cinema estadunidense em diversas partes do mundo é inquestionável e, por isso, essa apresentação daquela Itália é disseminada por todos os lugares.

Alguns tipos de personagens estão presentes nos filmes analisados e mantêm características semelhantes, criando um padrão de comportamento. Em *Candelabro italiano* e em *Quando setembro vier*, os protagonistas das tramas são altos, magros e possuem alto poder de sedução. O primeiro romance da personagem Frances, em *Sob o sol da Toscana*, acontece com um italiano que, na visão norte-americana, se caracteriza como *bonvivant*, uma pessoa que trabalha pouco e passa a maior parte do tempo em encontros gastronômicos à beira-mar.

Já em *Para Roma com amor*, um dos galãs é um ator careca e gordo, que foge dos padrões físicos de beleza que a mídia enaltece. Apesar desse aspecto, a aura, o imaginário criado pela inocente interiorana, já fascinada com a cidade, não resiste aos olhares de um ator maduro que sabe como persuadir e conquistar a mocinha. Existe outro personagem, caracterizado como um conquistador, que lembra fisicamente os galãs dos filmes dos anos 1960. Esses estereótipos também exemplificam o exótico país que é a Itália, na representação do cinema estadunidense.

Com essas observações, este estudo foi dividido em três capítulos. No primeiro, é abordado o ideário da Itália no cinema estadunidense, em contraponto ao que ocorre nos Estados Unidos da América. Enquanto o país é mostrado como pouco libertário no que diz respeito aos sentimentos e ao amor, percebe-se nas obras que a Itália é apresentada como um local onde os sonhos são possíveis e, principalmente, onde o amor acontece.

No segundo capítulo, destacam-se itens particulares que se repetem: monumentos, paisagens sonoras, lambretas, feiras, natureza, sol. Nas telas, parece que o país vive apenas de prazeres e não existem problemas, como outros diretores, principalmente italianos, abordam em suas obras, mostrando uma Itália em que o dia a dia é bem diferente da abordagem estadunidense. É o oposto da abordagem feita pelo movimento criado logo após a Segunda Guerra Mundial, o neorrealismo italiano, do qual fizeram parte diretores como Roberto Rossellini, Vittorio De Sica e Luchino Visconti.

No terceiro capítulo, os quatro filmes são detalhados. Fotogramas de cenas são apresentados e analisados, para evidenciar alguns estereótipos criados pelo cinema estadunidense. Os elementos levantados no capítulo anterior são exemplificados com cenas nos filmes analisados.

Nas Considerações finais, alguns temas são observados como a presença do amor romântico, o gênero comédia romântica e o turismo, que formam um “pacote” do imaginário midiático abordado nas quatro obras. Além disso, faz-se um questionamento, assunto para análises posteriores.

1. A ITÁLIA NO CINEMA, A ITÁLIA DO CINEMA

O apelo turístico da Itália nas telas de cinema retrata a importância deste setor da economia para o país. Segundo dados de 2013 da OMT – Organização Mundial do Turismo –, a Itália é o quinto país mais visitado do mundo (ficando atrás da França, EUA, China e Espanha). O órgão da ONU – Organização das Nações Unidas – destaca a Europa como o principal destino dos turistas no mundo, e o setor tem sido de fundamental importância para a saúde da economia do continente.

A Itália, um dos principais destinos turísticos do planeta, reúne um número recorde de cem mil monumentos históricos e características naturais únicas, cobrindo um arco que vai da neve eterna dos cumes dos Alpes às torridas praias insulares do Mediterrâneo [...]. Em 1861, o país, que tem área de 301.268 km², conheceu a unificação política. Apesar disso, suas regiões mantiveram a individualidade cultural, o que contribuiu para tornar mais marcantes as diferenças, principalmente entre o Norte, desenvolvido e industrializado, e o Sul, predominantemente agrário. (FOLHA ON LINE, 2000)

O cinema contribui para esses dados enaltecendo monumentos e características de cada região do país. Diversos filmes fazem das obras de arte, dos monumentos e, principalmente para o estadunidense, cenário para a principal sensação de que a liberdade e todos os sonhos só poderiam ser realizados na Itália.

Diversos romances do cinema têm como cenário as mais belas paisagens da do país. Porém, em diversas obras, essa paisagem torna-se protagonista, assim como os personagens mais inusitados ou aqueles que surgem em diversas obras, como a celebridade, o galanteador e a mulher sonhadora. Esses momentos são sempre acompanhados de uma música que marca o encontro e, até mesmo, os encontros de diversos personagens.

Vale destacar que os filmes das décadas de 1950 e 1960 atrelavam o sucesso da mulher à conquista de um “bom partido”, que resultasse em um casamento duradouro. Era isso o que as mulheres buscavam. Prudence, que apesar de estar procurando uma nova forma de vida, diferente da condução rígida da escola onde trabalhava na América do Norte, sendo ameaçada de demissão por incentivar uma leitura “não apropriada” para os moldes da tradicional gestão acadêmica, buscava na Itália um amor sincero, um companheiro para dividir a vida a seu lado. Um jovem íntegro, sensível, com quem pudesse ter filhos e viver por toda a vida. É o que encontra nos braços de Don, em *Candelabro italiano*.

Mesmo no filme *Sob o sol da Toscana*, realizado no início do século XXI, a personagem Frances sai dos Estados Unidos em busca de um novo amor. Ela inicia sua permanência na Itália comprando uma casa onde possa realizar seu casamento, ter filhos e a oportunidade de cozinhar para uma família grande, com uma mesa repleta de crianças. Após várias decepções, sugere-se, na cena final, que ela encontra um novo romance nos braços de um jovem escritor estadunidense em passagem pela Toscana.

Na narrativa dos dois filmes, o que diferencia é a situação da mulher. Na obra da década de 1960, Prudence é uma mulher solteira que parte em busca de liberdade e de um grande amor. Já a personagem Frances, no filme de 2003, parte dos Estados Unidos após ser traída por seu marido, que ainda lhe pede pensão após o divórcio. Como consolo, Frances ganha de um casal de amigas um pacote turístico para a Itália. Somente na virada do século, estes temas poderiam ser abordados de forma tão clara.

1.1 Sinopses

Antes de prosseguir com as análises, vale apresentar uma sinopse dos quatro filmes a serem abordados neste estudo: *Candelabro italiano* (1960), *Quando setembro vier* (1961), *Sob o sol da Toscana* (2002) e *Para Roma com amor* (2012).

1.1.1 Candelabro italiano

Título original: *Rome Adventure*. Direção e roteiro: Delmer Daves. Ano de produção: 1962. Duração: 118 min. Distribuição: Warner Bros.

Delmer Daves, diretor e produtor de *Candelabro italiano*, iniciou sua carreira no cinema ainda na década de 1920, elaborando roteiros para diversos filmes. Transformou-se em produtor e diretor de diversas obras.

Candelabro italiano narra as façanhas de Prudence, bibliotecária de uma escola administrada por senhoras conservadoras, que chamam sua atenção e a proíbem de indicar a leitura de um romance que, para elas, fere os bons costumes. Antes de ser demitida, Prudence se desliga da instituição e avisa que está partindo para a Itália, o lugar “onde o amor acontece!”. No país europeu, vive uma história de

amor com Don, um compatriota que está em busca de sucesso profissional e de um amor verdadeiro.

Passeiam por Roma e pelo norte da Itália de Lambretta, sob o sol ou sob a chuva, mas sempre com o mesmo prazer. Mesmo com alguns percalços, o romance segue adiante, tendo um final feliz em solo estadunidense. O candelabro do título brasileiro é um objeto adquirido de um mascate, símbolo da “integridade” do caráter de Don.

1.1.2 Quando setembro vier

Título original: *Come September*. Direção: Robert Mulligan. Roteiro: Stanley Shapiro e Maurice Richlin. Ano de produção: 1961. Duração: 108 min. Distribuição: Universal Pictures.

A obra dirigida pelo estadunidense Robert Mulligan é uma comédia romântica protagonizada por Rock Hudson (Robert Talbot) e Gina Lollobrigida (Lisa Fellini). A personagem Lisa é uma italiana que sonha casar com um homem ideal, maduro e que lhe dê segurança. Já Talbot é o homem perfeito: magnata, atlético, bonito e com uma casa onde o sol e a natureza prevalecem. O empresário estadunidense tem sua casa de veraneio na costa da Itália e vai ao país uma vez por ano, em setembro, onde está sua noiva. Cansada da situação, ela está de casamento marcado com um britânico, que tem uma personalidade totalmente diferente de seu amante americano. Robert, o empresário estadunidense, representa a aventura, enquanto o noivo londrino é como o clima inglês: cheio de névoas e sem graça. Ela, então, decide se dedicar ao romance com o empresário e viver uma aventura na Costa da Ligúria, aceitando as condições de Robert, que representa uma vida muita mais atraente do que com o inglês. O humor do filme se dá pelo fato de a criadagem transformar a *villa* em hotel durante os outros meses do ano. Daí resultarão muitos mal-entendidos, encontros e desencontros, com o esperado final feliz.

1.1.3 Sob o sol da Toscana

Título original: *Under the Tuscan Sun*. Direção e roteiro: Audrey Wells. Ano de produção: 2003. Duração: 113 min. Distribuição: Touchstone Pictures.

Nascida em 1960 em São Francisco (EUA), a diretora Audrey Wells iniciou sua carreira como roteirista, em 1995. *Sob o sol da Toscana* é seu segundo trabalho como diretora e traz a história de uma mulher, escritora, independente, que é traída pelo marido, segue para a Itália para se distrair e lá encontra sentido para sua vida. A Toscana é a região que atrai a personagem e onde reinicia sua vida de alegrias e romances: decide comprar e reformar uma *villa* caindo aos pedaços. Sua convivência com os moradores locais e os contratados para fazer a reforma, todos imigrantes, estabelecem os padrões de estranhamento e familiaridade com a cultura local.

1.1.4 Para Roma com amor

Título original: *To Rome with love*. Direção e roteiro: Woody Allen. Ano de produção: 2012. Duração: 111 min. Distribuição: Medusa Mediaset Group.

Woody Allen sempre foi um contador de histórias do cotidiano de sua cidade. Com o tempo, passou a ambientar essas crônicas em outros cenários. Ele mesmo afirma que suas histórias são universais, podendo ser retratadas em qualquer lugar, bastando pequenos ajustes. Após filmar em alguns países europeus, desembarca na Itália e filma *Para Roma com amor*, em que traz todos os ingredientes de seus filmes e faz um passeio por Roma, demonstrando o prazer de visitar a cidade. É uma obra repleta de personagens inusitados, comuns em suas obras. Contudo, o romance não fica de fora das tramas.

As tramas são paralelas e se mesclam: ao mesmo tempo que um casal do interior do país chega à capital em busca de sucesso profissional, uma prostituta se envolve com o marido, enquanto a esposa encontra um astro das telas e tem um envolvimento amoroso. Uma jovem estadunidense passeando pela cidade encontra, por acaso, aquele que seria seu futuro marido, filho de um pequeno empresário, dono de uma funerária que esconde um grande talento: é um tenor de primeira, mas só consegue interpretar sob o chuveiro.

Filmes que, apesar de apresentarem diferenças, principalmente por serem realizados em épocas diferentes, são unidos por diversas semelhanças, criando um imaginário para o país europeu que o cinema de Hollywood reforça a cada cena, seja nas características presentes em personagens de filmes diferentes, seja nos monumentos que se repetem.

Porém, é o amor romântico que se faz presente em todas as obras. Seja de uma forma mais cômica ou mais dramática, os personagens saem dos Estados Unidos em busca do amor ou, mesmo que não seja este o objetivo, o acaso faz com que casais se encontrem e vivam um grande romance.

1.2 Amor e liberdade

Diretores estadunidenses criam um imaginário sobre a Itália. Diversos tipos de personagens, situações, monumentos, entre outros itens, se repetem criando um local ideal para viver, onde não há momentos desagradáveis. Tudo é iluminado pelo sol, pela natureza ou pela beleza de monumentos cheios de história.

A Itália é apresentada como um lugar que transborda cultura, expressa em imagens de monumentos seculares, com enquadramentos de câmera que realçam esses locais e são repetidos nos filmes analisados, algumas vezes servindo de palco – ou cenário – para encontros amorosos.

Personagens que saem da América em busca de amor e liberdade no país europeu estão presentes, geralmente acompanhados de canções que marcam as cenas e extrapolam os filmes, tornando-se sucessos mundiais. Mas, às vezes, são canções já consagradas que voltam em filmes reafirmando um imaginário.

Não por acaso, os filmes analisados são comédias românticas. Exceção feita a *Para Roma com amor*, que é uma comédia característica dos filmes de Woody Allen, com situações que beiram o absurdo, como a história de um tenor amador que só canta sob o chuveiro e é levado ao palco desta forma. Mesmo assim, algumas histórias de amor e romances inesperados acontecem.

A comédia romântica é um gênero de filme de fácil entendimento, destinado a um grande público e o cinema de Hollywood explora bastante tal situação. Em qualquer estilo, o diretor e o posicionamento da câmera dão o tom das cenas, do ritmo que se pretende dar ao filme.

Enquadramento e composição dão às imagens num filme, *pathos* ou charme, uma objetividade fria ou fantásticas qualidades românticas. A arte da angulação e do enquadramento significam para o diretor e para o operador de câmera o mesmo que o estilo significa para o narrador, e é aqui que a personalidade do artista criativo se reflete de forma mais imediata. (XAVIER, 1983, p. 98)

A representação do romance inocente, no qual a cada dia a sensação de felicidade cresce, com alguns breves contratemplos, é uma característica trabalhada pelo cinema de Hollywood. *Candelabro italiano*, *Quando setembro vier* e *Sob o sol da Toscana* representam esse gênero fílmico, com *closes* de rostos apaixonados, longas cenas de beijos, com enquadramentos que aproximam o espectador da tela.

Logo, Roma e outros locais em que as tramas acontecem neste gênero de filme criam um imaginário das cidades-cenário. Tendo como perspectiva essa representação das cidades, o cinema cria um imaginário para a cidade de Roma em que, segundo Pesavento (2007, p.11), “o que chamamos de ‘mundo real’ é aquele trazido por nossos sentidos, os quais nos permitem compreender a realidade e enxergá-la desta ou daquela forma”.

A historiadora destaca que o entendimento do homem sobre a cidade está no seu imaginário, podendo ser revisto a todo instante. Nestas obras, a cidade é personagem e não apenas cenário.

Às cidades reais, concretas, visuais, tácteis, consumidas e usadas no dia a dia, corresponderam outras tantas cidades imaginárias, a mostrar que o urbano é bem a obra máxima do homem, obra esta que ele não cessa de reconstruir, pelo pensamento e pela ação, criando outras tantas cidades, no pensamento e na ação, ao longo dos séculos. (PESAVENTO, 2007, p. 11)

O cinema de Hollywood busca essa recriação das cidades por meio de uma aproximação com o espectador com histórias prontas, que pouco fazem pensar, de fácil entendimento, criando a sensação de que qualquer pessoa pode viver aquela história com final feliz, aproximando a representação dos atores da vida real ou criando uma nova vida que proporcione uma fuga da realidade do dia a dia (possibilidade que será abordada posteriormente). Para Xavier (1983, p. 99), “tudo o que o homem vê, possui um semblante familiar – esta é uma forma inevitável de nossa percepção”. Apesar de o receptor não ser abordado neste trabalho, quem produz o filme tem esse conhecimento e se beneficia disso.

Uma obra recente, *A grande beleza* (2013), do diretor italiano Paolo Sorrentino, mostra uma Roma cheia de turistas, festas e alegria. Apenas em alguns momentos, a vida da personagem principal, o escritor Jap Gambardella, é apresentada de forma conturbada. Ele, que há muito tempo não conclui um livro, procura na noite e nas festas sentido para sua vida e a possibilidade de voltar a escrever.

Mesmo com algumas cenas que não costumam fazer parte das obras destinadas a um grande público, como o consumo exagerado de bebidas alcoólicas e a presença de prostituição, a capital italiana é mostrada em *A grande beleza* como nos filmes realizados por estadunidenses, sempre com muita luz, com turistas que observam a cidade boquiabertos. Roma é consumo desmedido, até a exaustão. Para Edgar Morin, cinema e turismo estão muito próximos:

O parentesco cinema-turismo se afirma nas viagens coletivas em ônibus panorâmicos: os espectadores enfiados em suas poltronas olham através do *plexiglas*, membrana da mesma natureza que o vídeo de televisão, a tela de cinema, a foto de jornal e a grande janela envidraçada do apartamento moderno: janela cada vez mais cinematoscópica sobre o mundo e ao mesmo tempo fronteira invisível. (MORIN, 1997, p.73)

Em contrapartida, Ettore Scola dirigiu, em 1976, *Feios, sujos e malvados*. Nessa obra, o diretor italiano apresenta uma Itália diferente, retratando uma família muito pobre que mora em um barraco, atrás de um *outdoor*. Ou seja, uma Roma sem nenhuma beleza. É a retratação de uma realidade que, apesar de não ter sido ignorada, não faz parte dos objetivos desta pesquisa.

No imaginário dos diretores estadunidenses das obras analisadas, o país europeu é um lugar onde os amores acontecem e os relacionamentos são colocados em primeiro lugar. Essas obras populares se opõem a outros longas-metragens, não apenas prestigiados pela crítica, mas que atingiram bom público, abordam temas diferentes. São clássicos como *O leopardo* (Visconti, 1963), *O poderoso chefão* (Coppola, 1972), *Roma, cidade aberta* (Rosselini, 1945) e *A doce vida* (Fellini, 1960). Nestes, a Itália é retratada com uma realidade diferente, mais próxima do dia a dia do morador local.

Mesmo havendo fantasias e deleites na obra de Federico Fellini, temas como violência, trabalho, dificuldades sociais, criminalidade e poder são abordados de outra forma, diferente da visão dos diretores das obras analisadas. Embora mostrando um romance, esses outros aspectos se fazem presentes. Fatores que, nas obras analisadas para este estudo, não estão presentes, por se tratar de outro gênero, outra forma de fazer cinema. Os objetivos são diferentes: o cinema estadunidense busca uma fuga da realidade, enquanto as obras de diretores ligados ao neorrealismo italiano têm por opção retratar o dia a dia de trabalho do cidadão comum e não do turista.

A aproximação do que se vê na tela de cinema com a realidade de cada espectador é citado por Xavier (2008, p. 42) como o cinema naturalista de Hollywood, que busca uma reprodução fiel, não só do mundo físico, mas também da interpretação dos “atores que busca uma reprodução fiel do comportamento humano, através de movimentos e reações ‘naturais’”. Com essa identificação, aquilo que se vê na tela torna-se mais crível, aproximando aquele imaginário da realidade de quem assiste à obra. O mesmo ocorre com os diretores italianos que retratam uma outra realidade, esta do cidadão comum, trabalhador, que nunca é alvo dos holofotes e *paparazzi*.

Nas obras analisadas, cenas de casais apaixonados são colocadas à frente do espectador que recebe a imagem criada da promessa de amor romântico bem-sucedido, enquanto uma canção prepara a cena e “embala” os casais, com a aproximação do homem e da mulher. O corpo faz parte da representação, é um transmissor de sensações e certificador de um imaginário criado. “Não resta dúvida de que não são apenas corpos, mas também meios de comunicação, aquilo que hoje se chama mídia” (BAITELLO Junior, 1999, p.2).

Baitello Jr. cita Harry Pross para classificar as mídias. Sendo parâmetro importante de nossa análise, vale sumariar a teoria de Pross. Para ele, existem três categorias: mídias primárias, secundárias e terciárias. A primária é aquela que não necessita de outro meio para a comunicação: é o próprio corpo. Mas o homem, “em sua inquietude e criativa operosidade, procura aumentar sua capacidade comunicativa, criando aparatos que amplifiquem o raio de alcance de sua mídia primária” (PROSS apud BAITELLO Junior, 1999, p. 3). Como mídias secundárias, temos as formas de comunicação que necessitam de um meio físico para a sua decodificação. É o caso da escrita, das linguagens visuais, dos materiais impressos. Já como mídia terciária, temos o cinema, aparato que auxilia não somente o emissor, mas que se faz necessário ao receptor para que se propague a mensagem.

A mídia secundária é a acumulação da primária mais um sistema amplificador. E a mídia terciária é a primária mais dois sistemas amplificadores. Assim, por esta lei da cumulatividade, fica claro que qualquer sistema de comunicação conterá necessariamente em seu âmago a interação entre dois corpos. (PROSS apud BAITELLO Junior, 1999, p.4)

Retomando Xavier (2008), nota-se que ele descreve o cinema hollywoodiano como realizador de obras fáceis e que espelham a possibilidade de qualquer

espectador viver o que é visto na tela. Leite (2003) apoia-se em suas ideias para justificar a manipulação da realidade pelo cinema. Anos antes, nos estudos sobre a Indústria Cultural, Adorno (2003) – crítico da utilização dos veículos de comunicação de massa, como o cinema – já defendia que a repetição de cenas no cinema é um facilitador do entendimento por parte do espectador nas obras de alcance popular.

Será que essas afirmações refletem a condição do espectador? O estranhamento causado por filmes que não possuem um final feliz e que não deixam claras as intenções do diretor afastam o público pelo não entendimento claro do roteiro? A repetição pode eliminar essa possibilidade e facilitar o entendimento da obra? É possível, mas não se pode afirmar, já que os filmes de fácil entendimento, em sua maioria, são os de maior público.

1.3 A análise do filme

Por se tratar de um estudo sobre como o cinema estadunidense retrata a Itália, foram utilizados quatro filmes, sendo dois da década de 1960 e dois do início do século XXI. Verificou-se uma repetição de eventos na tela de cinema em momentos separados por aproximadamente cinquenta anos.

As páginas que se seguem apresentam questionamentos sobre se o cinema auxilia na criação do imaginário de determinadas localidades. Que artifícios são utilizados pelo cinema para que a imagem de uma cidade, região ou país fique gravada na mente do espectador? Quais as motivações para que diretores estadunidenses tenham a mesma abordagem da Itália em épocas diferentes?

Antes de procurar respostas para tais perguntas, surgiu um primeiro questionamento: qual a melhor forma para se analisar as obras? Jacques Aumont, em *A análise do filme*, pressupõe que existem diversas formas de estudar um filme:

O olhar com que se vê um filme torna-se analítico quando, como a etimologia indica, decidimos dissociar certos elementos do filme para nos interessarmos mais especialmente portal momento, tal imagem ou parte da imagem, tal situação. (AUMONT, 2004, p. 12)

São situações em que personagens partem dos Estados Unidos da América em busca de liberdade e amor – a *dolcevita* – na Europa, verificando-se a repetição de monumentos que recebem destaque em cenas das obras estudadas. A Lambretta sempre presente, algumas vezes em segundo plano, outras como

personagem das cenas, também auxilia a construção do imaginário de liberdade. Estes constituem alguns exemplos de repetições nos quatro filmes analisados.³

Ainda segundo o autor francês, é necessário fixar três princípios para a análise fílmica:

- A. Não existe um método universal para analisar filmes.
- B. A análise de um filme é interminável, pois seja qual for o grau de precisão e extensão que alcancemos, num filme sempre sobra algo de analisável.
- C. É necessário conhecer a história do cinema e a história dos discursos que o filme escolhido suscitou para não os repetir; devemos primeiramente perguntar-nos que tipo de leitura desejamos praticar. (AUMONT, 2004, p. 30)

Apesar de o ato de assistir a um filme estar associado ao prazer e ao lazer, analisar um filme está associado ao trabalho. Como observa Aumont, na sociedade em que vivemos, o lazer está cada vez mais separado do trabalho e a análise fílmica segue a mesma linha. Rever diversas vezes, realizar a releitura, a revisão, e “mais ainda essas revisões informadas e ativas que são as análises, produzem então uma abordagem muitíssimo diversa aos filmes, já não baseada na fruição imediata e consumidora, mas no saber” (AUMONT, 2004, p. 185).

A análise propriamente histórica de um filme deverá numa primeira fase proceder ao estudo interno da obra, decompondo principalmente os elementos de representação sócio-histórica observáveis nela. Mas será um estudo seletivo; não levará em conta elementos sem qualquer função no mecanismo de representação histórica. (AUMONT, 2004, p.16)

Prosegue o autor conceituando que, ao ver um filme, seu consumo é imediato, porém analisar uma obra sugere a necessidade de tempo para observar tudo aquilo a que nos propomos enxergar, ou seja, como diretores estadunidenses criam um imaginário da Itália nas telas de cinema, por exemplo.

Passear a pé por vielas ou por estradas em carros conversíveis ou, ainda, em uma Lambretta, tomar uma bebida em frente a um monumento, namorar próximo a ruínas criam esse ideário romântico para os estadunidenses. O cinema constrói esse imaginário e tais cenas se repetem, como é demonstrado, nas obras analisadas.

³Adorno (2002, p. 46), crítico da utilização dos veículos de comunicação de massa, cita que o cinema realiza a repetição de cenas para facilitar o entendimento, sem esforço para o espectador. Ver-se na tela, em uma reprodução exata ou que se imagina para si, é confortável, pois “belo é tudo o que a câmera reproduz. [...]. Sadio é o que se repete, o ciclo na natureza e na indústria”. A jovem americana, em Paris ou na Itália, cai nos braços de um compatriota que poderia ter conhecido em seu próprio país, mas foi encontrá-lo em um cenário apropriado, repleto de significados, finaliza Adorno.

Neste estudo, um elemento unificador, que constitui essas repetições, nos quatro filmes é a presença da Lambretta. Algumas vezes como parte fundamental das cenas, como no caso de *Quando setembro vier*, em que o experiente Roberto, sai em um passeio turístico com as jovens que estão hospedadas em sua casa com os rapazes, também estadunidenses, que estão interessados nas moças. Em casais, sobre as Lambrettas, as cenas ganham contorno de uma disputa: os jovens rapazes acelerando seus veículos para vencerem o experiente Roberto e poderem ficar sozinhos com as moças. Porém a experiência fala mais alto e o empresário consegue não perder de vista os jovens casais.

Em *Candelabro italiano*, a jovem estadunidense, descontente com sua condição de bibliotecária em uma escola tradicional, segue para a Itália em busca de um amor. Lá conhece Don, um estadunidense por quem se apaixona e vive um romance bem-comportado. Partem em viagem pelo norte da Itália, montados em uma Lambretta.

Quando setembro vier mostra uma italiana que vê no empresário estadunidense a realização de seus sonhos. E o ator Rock Hudson é essa pessoa, fazendo Lisa desistir, inclusive, de um casamento com um britânico tradicionalista, com quem viveria na “fria” Londres. Proprietário de uma casa de veraneio na Costa da Ligúria, na Itália, Robert faz com que Lisa escolha a opção do sol. Neste filme, há um passeio de Lambretta, quando os personagens disputam uma corrida, colocando em destaque o veículo de duas rodas.

Já no filme de 2003, *Sob o sol da Toscana*, a crítica literária Frances, recém-divorciada, parte para a região da Toscana, na Itália, e decide morar ali, construir família em um casarão antigo em uma vila naquela região italiana. No local, forma uma nova família, vive uma rápida, porém marcante, aventura amorosa com um italiano. Ao retornar à cidade de Positano, Frances pega uma carona de Lambretta com um funcionário da prefeitura local. No final, conhece um jovem escritor estadunidense em férias na Itália. A história se repete: na Itália, conhece o compatriota de seus sonhos.

Para Roma com amor tem as características usuais dos filmes de Woody Allen. Situações bizarras, inesperadas, como o tenor amador muito talentoso que só consegue interpretar sob o chuveiro; ou a prostituta que é conselheira de poderosos executivos, mas que adentra o quarto errado de hotel, deixando um jovem interiorano em uma situação delicada com sua família; este, por sua vez, crê na

ingenuidade da esposa – fato que será desmascarado, mais adiante. Mas alguns encontros amorosos também acontecem na película, inclusive de uma jovem estadunidense, em férias em Roma, que, perdida na cidade, toma informações com um italiano local. É o suficiente para ter início uma história de amor que os levará ao altar. Mesmo sem estar à procura de um romance, a jovem que se perdeu acaba “fisgada” pelo romantismo da cidade. As Lambrettas estão presentes no trânsito da cidade.

2. CONSTRUTOS DO ROMÂNTICO

O imaginário criado pelo cinema estadunidense sobre a Itália busca criar uma sensação de proximidade do espectador com aquela realidade presente nas telas. Personagens são pessoas comuns, com diversas incertezas, em busca da felicidade que, no final, sempre alcançam, principalmente no que diz respeito ao amor. Para Morin (1997, p. 37), “a cultura de massa é animada por esse duplo movimento do imaginário arremedando o real e do real pegando as cores do imaginário”. Desta forma, diversas formas de abordar o amor romântico no país são retratadas neste estudo exploratório.

Além disso, levar para as telas de cinema histórias com conteúdos de fácil entendimento tornou-se uma característica da cultura de massa, pois “a partir da década dos [anos] 30, primeiramente nos Estados Unidos e depois nos países ocidentais, emerge um novo tipo de imprensa, de rádio, de cinema, cujo caráter próprio é de se dirigir a *todos*” (MORIN, 1997, p. 37).

Esse movimento também ocorre na França. Como exemplo, pode-se tomar a criação de um diário voltado tanto “aos cultos como aos incultos, aos burgueses como aos populares, aos homens como às mulheres, aos jovens como aos adultos, o *Paris-Soir* tem em vista a universalidade e, de fato, a alcança” (MORIN, 1997, p. 37). O cinema seguiria o mesmo roteiro: “nesse meio tempo, o cinema passa de espetáculo estrangeiro a espetáculo de *todos*” (MORIN, 1997, p. 38). É o que demonstram os filmes aqui analisados.

Personagens que se assemelham a pessoas vistas no dia a dia do cidadão comum ou espelham o que esta pessoa cria em seu imaginário são levados às telas. O homem maduro, belo e conquistador representado nas telas, é como se fosse algo possível de se atingir ou que funcionasse como um espelho. Mesmo próximo do seu real, o que se enxerga na tela é a representação. Para Zumthor (2014, p. 41), “a teatralidade neste caso parece ter surgido do saber do espectador, desde que ele foi informado da intenção de teatro em sua direção. Este saber modificou seu olhar, forçando-o a ver o espetacular lá onde só havia até então o acontecimento”. Mesmo se enxergando na tela de cinema, a atuação do ator faz com que o que é visto se transforme em algo glamoroso, melhor do que a realidade do espectador. E que o

final feliz pode ser atingido, já que na tela de cinema é esperado desde o início da obra.

Tanto o homem sedutor como a mulher que sonha em ter um relacionamento seguro e duradouro, representados principalmente nas comédias românticas da década de 1960 nos Estados Unidos, criam o imaginário de que na Itália isso não só é possível, como torna-se um caminho único, natural, já que os acontecimentos nas obras, apesar dos desencontros, invariavelmente terminam com os casais unidos e felizes. Para Morin (1994, p. 131), “o amor decantado, fotografado, filmado, entrevistado, falsificado, desvendado, saciado parece natural, evidente. É porque ele é o tema central da felicidade moderna”, que é exibido nas telas de cinema, “é o fundamento tornado necessário e evidente a qualquer vida pessoal” (MORIN, 1994, p. 133).

2.1 Paisagens e monumentos

A riqueza cultural e histórica da Itália é incontestável. A cada passo, na capital Roma, pode-se observar a arquitetura, em sua longa história, as artes e as criações do homem. Nos filmes aqui analisados, não só em Roma, como nas diversas regiões do país por onde os personagens transitam, as cidades fazem parte dos enredos, não são meros cenários. Em seu livro *A cidade imaginária*, o historiador Luiz Nazário descreve a importância das cidades nas telas de cinema. Alguns cineastas são citados pelo autor, como o diretor britânico David Lean:

A cidade é mais que um cenário ou um pano de fundo: um outro personagem interferindo na trama. Assim é o deserto do Saara ao longo de *Lawrence da Arábia*; a usina hidroelétrica da Rússia soviética no final de *Dr. Jivago*; a costa irlandesa em *A filha de Ryan*; e as estranhas cavernas de *Passagem para a Índia*. As cidades e as paisagens nos filmes de Lean não são elementos acessórios, decorativos e exóticos, mas elementos cênicos e simbólicos, carregados de dramaticidade. (NAZÁRIO, 2005, p. 242)

Nos quatro filmes aqui analisados, as locações fazem parte das tramas. Roma, com seus monumentos conhecidos em todo o mundo, não apenas serve de cenário como faz parte dos roteiros, já que seus monumentos são apresentados pelos personagens. Em *Para Roma com amor* e *Candelabro italiano*, por exemplo, os pontos turísticos da capital também são apresentados pelos atores. O personagem Roberto apresenta a capital italiana como anfitrião a seus convidados

Prudence e Albert, enquanto guia seu carro conversível. Ele diz: “À nossa frente, temos o Arco de Constantino, que ele construiu para si mesmo 1.600 anos atrás. A Roma imperial começa aqui. O Coliseu foi construído no ano 72. O nome significa o grande lugar”. E conclui seu passeio até chegar à pousada onde ficarão hospedados.

Já em *Para Roma com amor*, o personagem Michelangelo ensina os caminhos de Roma a uma turista. Turista essa que viria a ser sua esposa no final do filme. Hayley, excitada com o italiano que acabara de conhecer, conversa com sua mãe por telefone: “Tem sido um verão inacreditável. Você Ieria a história em todos os livros de romance: estadunidense vai à Roma e conhece um lindo romano na *Fontana di Trevi*”.

Paisagens conhecidas – naturais ou não– da Itália são mostradas e citadas nos filmes, criando um imaginário que fica gravado na mente do espectador como locais de sensações prazerosas, de deleite: é a *dolcevita* que só a Itália pode oferecer. Em *Sob o sol da Toscana*, sair dos Estados Unidos da América, comprar uma *Villa* e viver nessa região é descrito como o sonho de qualquer pessoa.

O empresário estadunidense Robert Talbot, de *Quando setembro vier*, tem sua casa de veraneio na Costa da Ligúria, na Itália. As belezas da região são exploradas a todo momento e enaltecidas nos passeios de Lambretta.

2.2 A Lambretta como símbolo italiano

Símbolo italiano, a Lambretta é veículo presente em diversos filmes rodados no país, seja na representação do trânsito caótico da capital (em *Para Roma com amor*) ou em passeios pelas mais belas paisagens do país (em *Candelabro italiano* e *Quando setembro vier*) ou como veículo de transporte (em *Sob o sol da Toscana*).

A Lambreta foi criada pelo empresário italiano Ferdinand Innocenti, em 1947. Inventor dos andaimes utilizados até hoje na construção civil, após a Segunda Guerra Mundial, decide diversificar seus negócios. Percebendo a carência de um transporte barato para a população, cria o veículo que se transformaria em importante símbolo do país, representado nas telas de cinema há muito tempo, auxiliando na divulgação do produto e do comportamento, do sentimento de liberdade que o veículo expressa.

Desde os filmes das décadas de 1950 e 1960, a Lambretta passou a ocupar um lugar de destaque nas tramas, como em *Quando setembro vier*. Inclusive, quando do lançamento do filme no Brasil, os protagonistas Rock Hudson e Gina Lollobrigida estamparam cartazes promocionais da marca.

Figura 1 – Anúncio com atores de *Quando setembro vier*



Disponível em: www.wp.clicrbs.com.br

2.3 Manipulação da realidade: *la dolce vita*

Toda essa felicidade, belezas naturais, sensações de deleite que representam a chamada *dolce vita* italiana podem ter uma motivação. Para Sidney Ferreira Leite (2003), retratar a Itália como um país em que é possível viver com liberdade e que diversas situações e locais são um convite ao amor, reforça o poder do cinema de Hollywood em manipular a audiência com histórias que afastam o espectador de temas do dia a dia, como foi o caso das comédias musicais dos anos 1930.

Tal gênero alcançou grande sucesso nos Estados Unidos, a partir de meados dos anos 30. O sucesso se deveu ao fato de os filmes estarem voltados unicamente para o entretenimento e diversão do espectador, fatores fundamentais para aliviar as tensões provocadas pela grande depressão do período. (LEITE, 2003, p. 41)

Esta manipulação da realidade, como destaca Leite, é também observada por Luiz Nazário em relação à atuação do diretor soviético Serguei Eisenstein em relação à propaganda realizada sobre o sistema político de seu país no filme *Encouraçado Potemkin* (1925), que conta a história de um levante ocorrido em um

navio de guerra em razão dos maus-tratos sofridos pelos marinheiros que eram obrigados, por exemplo, a comerem carne estragada. Este levante teria antecedido a Revolução Russa de 1917 e o filme foi visto como propaganda política favorável à nova situação política do país. Para Nazário, o diretor foi capaz de dirigir as emoções dos espectadores (1999, p. 104), pois “através da manipulação da imagem cinematográfica da realidade é possível também manipular os conceitos do espectador sobre a realidade – isto é, os conceitos sobre os quais fundamenta suas atitudes e ações”:

Nesse contexto, os filmes dirigidos pelo cineasta soviético contribuíram decisivamente para demonstrar aos contemporâneos da Revolução que o cinema não era apenas um simples entretenimento, mas um poderoso meio de comunicação, capaz de transmitir às massas as ideias, os valores, as ideologias e, desta forma, levar o seu espectador a construir, a pensar e a questionar a realidade ao seu redor. (LEITE, 2003, p. 33)

No início da década de 1920, as principais empresas cinematográficas de Hollywood se reuniram para elaborar um código de produção para se proteger de questões políticas e morais, que, no entanto, se transformou em autocensura imposta pelos grandes estúdios às suas próprias produções. Para Leite (2003, p. 53), “assim, além das escolhas e intervenções do diretor, do roteirista, o filme passa a sofrer com mais intensidade a poderosa manipulação do Estado e dos interesses comerciais”.

Estampar nas telas de cinema situações em que não existe a possibilidade de outro final que não a felicidade é uma forma de confirmar que o “cinema contemporâneo atua decisivamente na formação da visão que o público tem da realidade [...]. Em outras palavras de construir e destruir contextos” (LEITE, 2003, p. 90). Na década de 1960, os estadunidenses passavam pela Guerra do Vietnã, e no início do século XXI, o episódio da queda das Torres Gêmeas criou diversas incertezas na população mundial. Os filmes aqui analisados, portanto, podem ter importante significado para afastar os espectadores dessas realidades.

Mas não é somente o interesse político ou social que faz com que o cinema se transforme em veículo de propaganda. Produtos ganham destaque nos roteiros. Além da Lambretta, que surge em destaque nas películas, a bebida Strega aparece em duas situações de flerte do casal que protagoniza o filme *Candelabro italiano*. Na época, a marca Stock utilizou o cinema como forma de tornar conhecida sua bebida, associando-a ao casal Don e Prudence.

Com o passar dos anos, ficou ainda mais clara a exposição das cidades nas telas. O diretor Woody Allen fechou contrato com estúdios europeus e passou a locar suas histórias em países como a Espanha, a França e a Inglaterra, além da Itália. É comum nesses filmes, os personagens enaltecerem o que as cidades possuem de atraente a turistas de todos os lugares: a cidade que nunca dorme, como em *Meia-noite em Paris*, as belezas arquitetônicas da Espanha (*Vicky Cristina Barcelona*), ou situações de prazer com a prática do tênis ou em finos restaurantes, em *Match Point*.

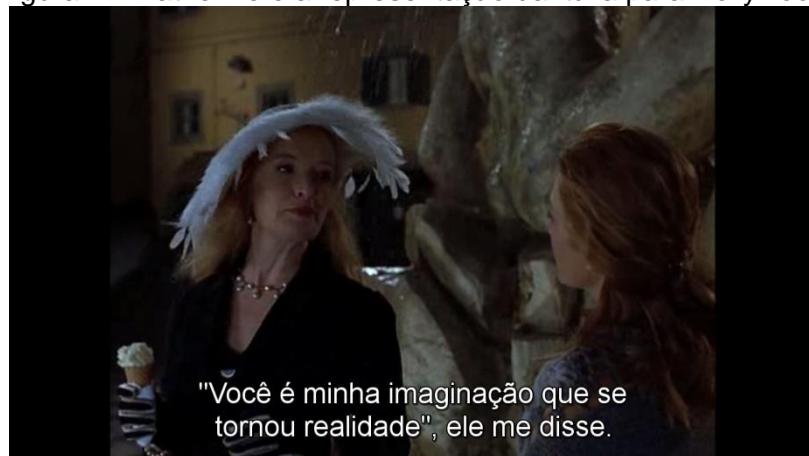
Todos esses filmes dirigidos pelo cineasta estadunidense ganharam prêmios na Europa e tiveram indicações ao Oscar, o maior prêmio do cinema dos Estados Unidos, o que fez com que alcançassem ainda mais notoriedade mundial. Para se ter uma ideia, *Meia noite em Paris* é o filme de maior bilheteria mundial do diretor. Allen garante que as histórias que escreve podem ser ambientadas em qualquer lugar e não apenas em Nova Iorque, onde rodou a maior parte de suas obras. Porém, para esses países, o cinema funcionou como importante veículo de propaganda turística, como já citado em páginas anteriores.

3. VOU PARA ONDE AS PESSOAS SABEM O QUE É O AMOR

Na Itália, o amor romântico está presente de diversas formas, em locais que misturam arte e amor. São cenários para encontros entre casais que buscam a liberdade no país europeu, caso de Prudence, personagem interpretada por Suzanne Pleshette, que sai dos Estados Unidos em busca de uma sociedade mais libertária e encontra nos braços do também norte-americano, Don (Troy Donahue), essa sensação de ser dona de seu destino, em seus passeios por Roma e pelo norte da Itália. Este e os demais exemplos analisadas podem ser verificados na decupagem das obras no anexo desta pesquisa.

A personagem Katherine (*Sob o sol da Toscana*) é a representação de liberdade criada por Hollywood para o país europeu. Quando tinha apenas 16 anos, conta ela, o diretor Federico Fellini aproximou-se e elogiou sua beleza e a sensação de liberdade que representava. Verdade ou não, é o imaginário que Hollywood cria para a Itália e que os estadunidenses podem encontrar no país.

Figura 2 – Katherine é a representação da Itália para Hollywood



Filme: *Sob o sol da Toscana*

Paisagens naturais que marcam o espectador estão presentes em diversas cenas de *Sob o sol da Toscana*, de 2002, e *Quando setembro vier*, de 1961. Nas duas obras, a natureza é palco de romances e de busca de um amor que ainda está por vir, mas que certamente surgirá, tanto nas cenas de horizontes sem fim nos campos da região da Toscana, como na costa litorânea da Riviera italiana, a Ligúria.

Apesar do barulho e das buzinas, Roma é mostrada sempre como uma cidade agradável, onde o prazer de flanar por vielas e observar grandes monumentos e pequenos prazeres da cidade são cultivados, segundo a ótica dos diretores norte-americanos.

3.1 Canções que embalam o amor romântico

Mas não é só o som do trânsito que define a Itália. As canções que emolduram os roteiros são marcantes em qualquer gênero. Nos filmes de ação ou suspense, criam tensão ou expectativa. Nas comédias, ajudam a tirar a risada do espectador. Já no drama ou no romance, determinam um relacionamento tórrido, ardente ou mais inocente.

Nas obras que têm a Itália como locação, alguns gêneros musicais se fazem presentes. Quando a comédia típica italiana surge, não raro a *tarantella* aparece como ícone do país, denotando tanto uma paisagem sonora que pode fazer rir, como chocar quem não está acostumado com o exagero dos personagens italianos. As músicas românticas unem casais ou criam o drama necessário na hora da despedida.

Paisagem sonora é definida por Schafer (2001) como campo de estudo acústico, qualquer que seja ele. Uma composição musical, a trilha sonora de um filme, um programa de rádio ou um ambiente acústico, mesmo se composto pelo silêncio, podem caracterizar esse ambiente, construindo a paisagem sonora.

A canção *Volare*, que inicia o filme *Para Roma com Amor*, permeia toda a obra com diferentes arranjos. Já *Al di lá*, de *Candelabro italiano*, é a marca deixada pelo casal Don e Prudence em seus passeios pela capital italiana ou pelas paisagens paradisíacas dos Alpes. A cena em que a canção é interpretada por Emilio Pericoli, na íntegra, sugere que o flerte, o passeio de um dia terá maiores consequências.

Volare, como ficou mundialmente conhecida a música de Domenico Modugno, cuja letra é do próprio Domenico em parceria com Franco Migliacci, que tem como título original *Nel blu dipintodiblu*⁴ (*No céu pintado de azul*), foi a canção

⁴A primeira premiação da canção foi a conquista do 8º Festival de San Remo. Em 2001, oito anos após a morte de seu autor, organizadores do Festival a premiaram com o San Remo Music Festival

que conquistou a primeira edição do Grammy Awards, em 1958, mesmo ano em que atingiu a primeira colocação na lista da Billboard. O cinema, neste caso, ajudou a perpetuar a música, sendo tema de abertura, 50 anos depois do filme de Woody Allen que, inclusive, declarou que:

A parte mais prazerosa de filmar é colocar a música na trilha. Quando você termina um longa, ele está frio e sem vida, então vou para minha coleção e escolho uns discos de, por exemplo, Mozart ou Louis Armstrong, e começo a testar. De repente, coloco Ramsey Lewis e o filme ganha vida. Não tem nada a ver com ser inteligente, mas com erros e acertos. (FOLHA ON LINE, 2015)

Al di lá, de *Candelabro italiano*, seguiu a mesma rota, tendo sido a canção vencedora do Festival de San Remo, em 1961, e, no ano seguinte, tema da obra cinematográfica. Originalmente interpretada por Betty Curtis, a canção ganhou o mundo no filme estadunidense, sendo interpretada por Emilio Pericoli, que insere em sua interpretação frases em inglês.

A trilha sonora e a escolha da canção-tema desempenham para Julio Medaglia importante papel na construção da narrativa, afirmado que a música presente no cinema, teatro ou televisão faz parte da narrativa e auxilia na construção semântica da obra:

Quando uma composição é feita ou escolhida para integrar um espetáculo audiovisual, seja televisão, teatro ou cinema, ela deixa de ser “música pura” e passa a assumir uma função descritiva. Se usada com sabedoria, a trilha sonora poderá constituir-se um importante veículo de informações, de ideias no desenvolvimento do roteiro da ação. (MEDAGLIA, 2003, p.233)

As canções embalam cenas de casais apaixonados em praças e monumentos da capital italiana que complementam a intenção do diretor. A Piazza Navona e a Fontana di Trevi são locais que aparecem em *Para Roma com amor*, *Candelabro italiano* e *Sob o sol da Toscana*.

3.2 Deixar a América...

Candelabro italiano é o primeiro trabalho da atriz Suzanne Pleshette no cinema, seu papel era o da bibliotecária Prudence, desiludida com a sociedade retrógrada e opressora em que é obrigada a conviver na escola onde trabalha na América. A primeira sequência do filme ilustra muito bem essa situação. Ela é

convocada pela diretoria a explicar porque recomendou a leitura de um livro que estava proibido pela própria direção por ser considerado inadequado às alunas.

Figura 3 – Personagem Prudence decide deixar os EUA (4')



Filme: *Candelabro italiano*

Figura 4 – As mantenedoras da escola (4'07")



Filme: *Candelabro italiano*

Prudence faz um discurso que deixa as mantenedoras da instituição pensativas e chocadas:

Acho a palavra amante uma das mais lindas e significantes de nossa língua. Este livro não é obsceno. Apenas trata da necessidade natural que sentimos por amor. A moça da história sente medo ao ver a falta de amor ao seu redor, em sua cidade, em sua escola. Ela passa a ter receio de nunca saber o que é ser amada de verdade. Então ela se rebela. Porque não quer acabar como algumas de suas professoras, sem amor e solitárias. (1'50")

A bibliotecária continua sua explanação sobre as necessidades do ser humano, não apenas de qualquer mulher. Para ela, o livro “apenas expressa o que se esconde no coração de toda mulher. O temor da solidão. O desejo de se tornar mulher, de plenitude e a necessidade de ser amada, é só isso” (2'00”).

Por fim, deixa clara sua posição, seu desejo de seguir seu caminho, de ser livre e de discordar dos preceitos das mantenedoras. Prudence vai buscar sua felicidade:

Assim, eu me recuso a ser demitida. Eu me demito. Eu agradeço por me fazerem enxergar que eu mesma devo aceitar os conselhos do livro. Hoje é o Dia da Independência. Quero o meu livro de volta. Vou precisar dele. Porque eu vou para onde as pessoas sabem realmente o que é o amor. Para a Itália. (2'05")

Esta sequência inicial demonstra como a Itália era retratada no início da década de 1960 pelo cinema holywoodiano. Como um lugar em que os sonhos e, principalmente, o amor, era encontrado com facilidade. Enquanto isso, na América, a bibliotecária sofria com a sisudez, o mau humor e o pensamento antiquado das mantenedoras da escola.

As cenas seguintes já mostram a personagem Prudence no transatlântico, rumo a Roma. O embarque já é uma festa, longe da sisudez das senhoras da escola. Música, serpentina e os primeiros possíveis romances surgem ainda na proa da embarcação. Afinal, as pessoas estão ali em direção a um mundo bem diferente daquele a que estão acostumadas no país da América do Norte. É o que retrata o diretor estadunidense.

Prudence se aproxima de dois homens. Um primeiro, italiano de idade madura, já experiente, o aristocrático Roberto que, segundo ele, busca um amor definitivo, que ainda não encontrou. Sem muitas explicações, a mãe de Prudence assiste à cena do porto e faz chegar às mãos da filha um telegrama dizendo que tome cuidado com estranhos, e que o rapaz que também estava a seu lado, o jovem Albert – este, sim! – é uma pessoa em quem se poderia confiar, já que conhece seus pais. Aliás, sua mãe adoraria tê-lo como genro. A mãe faz com que sua filha se aproxime de Albert, esse jovem respeitador dos costumes pequeno-burgueses, que representam segurança. Prudence recebe o telegrama no exato momento em que Roberto está na cabine da bibliotecária e Albert aparece para protegê-la.

Figura 5 – No navio, rumo à Itália (6'38")

Filme: *Candelabro italiano*

Já *Sob o sol da Toscana* narra a história da escritora, crítica literária e mulher independente Frances Mayes, interpretada por Diane Lane, que tem sua vida em São Francisco interrompida por uma traição e o consequente fim de seu casamento. Em um lançamento literário, um autor a quem ela fez severas críticas recomenda que preste atenção em seu marido e, desta forma, ela descobre que foi traída.

Ao se reunir com seu advogado, fica sabendo que seu marido exige parte da casa onde moram, além de uma pensão, já que Frances o sustentava com seu trabalho de crítica literária, enquanto ele escrevia seu livro. Tentando consolá-la, o advogado diz que nem tudo está perdido e que um dia encontrará a felicidade, seja onde for, Itália, talvez? Ela aceita deixar a casa para o ex-marido para se livrar da pensão, esvazia a casa e fica apenas com alguns livros e um pequeno vaso de flores.

Figura 6 – Frances com o advogado, desiludida (5'50")

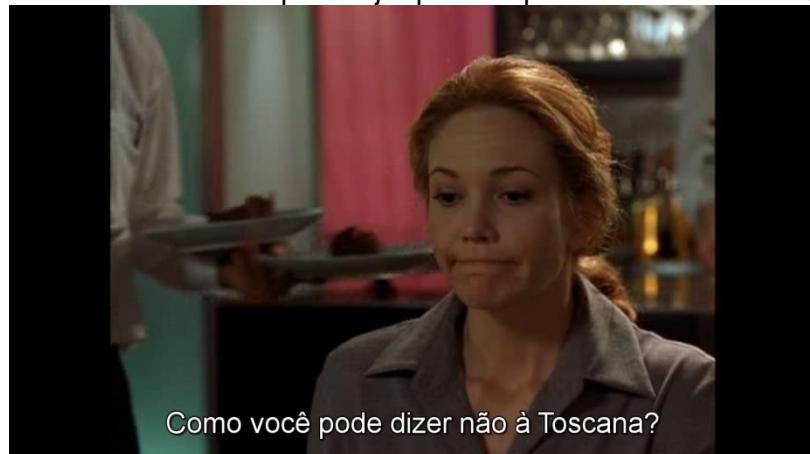
Filme: *Sob o sol da Toscana*

A sequência em que conversa com seu advogado demonstra todo o sofrimento causado pela separação, demonstrando que o que a leva para a Itália é uma situação bem diferente do filme da década de 1960. São abordados temas como traição e homossexualismo, que não eram abordados naquela época.

Um casal de amigas lésbicas, sensibilizadas com seu sofrimento, oferece-lhe passagens para a Itália para um *tour gay* pela Toscana. Ambas a acompanharia, mas, por ter feito inseminação artificial, Patti consegue engravidar, ficando impossibilitada de seguir para a Itália. Os filmes da década de 1960 não abordam temas como divórcio ou relacionamentos homossexuais. Apesar de ser uma comédia romântica, *Sob o sol da Toscana* trata com naturalidade os dois assuntos. São mudanças que ocorrem na sociedade, retratadas pelo cinema. Inicialmente, Frances recusa o presente.

Triste e deprimida, Frances vai morar em um edifício onde diversos vizinhos também passam pelo mesmo sofrimento: o insucesso no amor. Todos ali estão tristes e deprimidos. E ela percebe que, em breve, terá o mesmo destino, pois passa a se envolver com a história dos moradores.

Figura 7 – Frances não quer viajar para esquecer seu ex-marido (10')



Filme: *Sob o sol da Toscana*

É neste momento que ela decide aceitar o presente das amigas e parte para a Toscana. Já na Itália, no ônibus, é apresentada como uma pessoa que passa por dificuldades amorosas, é heterossexual e precisa de todo o apoio e alegria dos companheiros de viagem. Seus novos colegas a incentivam a “esquecer o desgraçado”.

Em *Quando setembro vier*, é um homem que deixa a América em busca de sua felicidade na Itália. O galã Robert, que está em uma reunião na filial de sua empresa em Milão, decide telefonar para sua noiva Lisa, justamente no momento em que ela realiza a prova de seu vestido de noiva, já que está de casamento marcado com um britânico mais velho e protocolar.

Mas, ao falar com Robert, rapidamente cede aos encantos do norte-americano e tira o véu, simbolizando o que o estadunidense procura na Itália: o amor puro, de entrega total. Na cena, a italiana está com sua mãe. Ao ser avisada sobre o telefonema, fica nervosa e atende decidida a ignorar o homem que vai à Itália um mês por ano, em setembro, para vê-la e que mantém esse noivado requentado há anos.

Assim que Robert, que se encanta com o sotaque de Lisa, diz que está na Itália para encontrá-la e resolver de vez a situação, a feição dela transforma-se, sua raiva passa e ela aceita os argumentos de seu amante. Nesta cena, o semblante dos atores representa as personalidades das personagens. A sonhadora Lisa e o conquistador empresário que, apesar de estadunidense, tem o charme presente no estereótipo criado para os italianos.

Figura 8 – A italiana cede aos encantos do estadunidense (6')



Sim, Roberto?

Filme: *Quando setembro vier*

Ela vai ao encontro de seu, até então noivo, o britânico Spencer, e desiste de seu casamento. O local do encontro é a Piazza Navona, também um local presente em outras películas aqui analisadas.

Na história, Robert é um empresário que tem sua casa de veraneio na Costa da Ligúria, na Itália. Anualmente, em setembro, ele chega ao país para desfrutar seus momentos de prazer e férias ao lado de Lisa.

A intenção é buscar na Itália o desfrute de momentos de deleite com as belezas naturais, culturais e as mulheres que atraem para relações que nos Estados Unidos não seriam possíveis. O filme materializa esses sonhos, apropria-se de definições construídas ao longo do tempo e as enaltece como forma de chancelar cenas que demonstram o que o país provoca nas pessoas em seus momentos de lazer. “Os lazeres abrem os horizontes do bem-estar, do consumo e de uma nova vida privada” (MORIN, 1997, p.68).

O fato de o empresário Robert Talbot largar seus negócios antes de seu período de férias e seguir para sua mansão, exprime o desejo de o homem se afirmar como indivíduo privado e ir atrás de seus desejos. Morin (1997, p.69) define o homem moderno como aquele que “dirige-se às necessidades da vida e do lazer, às necessidades da vida privada, ao consumo e ao bem-estar, por um lado, ao amor e à felicidade, por outro lado. O lazer é o jardim dos novos alimentos terrestres”.

Como desta vez, antes da época de costume, o empresário decide ir à Itália resolver, de vez, sua situação com Lisa, há a surpresa sobre o casamento de sua amada. Curioso é que se ele fosse em setembro, como de costume, Lisa já estaria casada com o britânico. Mas como a Itália é o lugar onde as histórias repletas de romantismo acontecem, ele chega a tempo de evitar a perda de sua noiva.

No filme *Para Roma com amor*, apesar de não haver uma única história de amor que faça um estadunidense deixar o país em busca da *dolcevita*, perder-se nas ruas de Roma pode ser um convite ao romance. Em qualquer ocasião, um amor romântico pode ter início. É o que acontece com a estudante Hayley. Em férias, caminhando pelas ruas de Roma, ela pede informações a um jovem italiano. Basta isso para serem levados ao altar.

Figura 9 – O início de um romance (2'50")



Filme: *Para Roma com amor*

Em outra história, um experiente arquiteto, reencontra seu passado na pele de um jovem estudante que está envolvido em um triângulo amoroso, exatamente como aconteceu com ele, décadas antes. John revisita o bairro em que morou, repleto de belas vielas e Lambrettas.

No filme de Woody Allen, diversas histórias ocorrem paralelamente e a única ligação entre elas é a cidade de Roma. Em nenhum momento, as personagens se cruzam, aumentando a importância das locações nas tramas que se desenrolam.

Figura 10 – O arquiteto revisita seu passado (17')



Filme: *Para Roma com amor*

Um casal do interior da Itália vai para Roma tentar melhorar de vida, com uma oferta de emprego oferecida pela família do noivo. O casal passa por diversos

encontros e desencontros amorosos. Ele passa por situações inusitadas quando uma prostituta aparece por engano em sua suíte e ele é flagrado por sua família. Então, a personagem interpretada por Penélope Cruz assume o papel de noiva e segue para uma festa em que diversos empresários a reconhecem como uma “prestadora de serviços íntimos”. Já a noiva, perde-se pela cidade, mas encontra um ator de cinema do qual é fã e tem um breve romance com ele.

3.3 Encontrar o amor na Itália e ter um final feliz

Para Morin (1997, p. 92), a partir da década de 1930, a presença do final feliz nas telas é uma regra e a identificação do espectador com os personagens é cada vez maior.

O herói simpático, tão diferente do herói trágico ou do herói lastimável, e que desabrocha em detrimento deles, é o herói ligado identificativamente ao espectador. Ele pode ser admirado, lastimado, mas deve ser sempre amado. E amado porque é amável e amante. Esse herói amável-amante-amado se mete na pele dos heróis de filmes, estando aí também incluído o herói cômico: este não é apenas palhaço, isto é, grotesco; também ele se torna simpático, também ele se beneficiará do *happyend*. (MORIN, 1997, p. 92)

Desta forma, os estereótipos são colocados na tela, com personagens que sabem se comportar, são elegantes, mas são pessoas próximas da realidade dos espectadores, são pessoas comuns. Os heróis são os personagens que saem da América e seguem para a Itália em busca de seus sonhos. Algo possível a qualquer cidadão estadunidense que busca um final feliz.

Voltando a *Candelabro italiano*, Prudence parte para a Itália sem ter um local certo para ficar, sem reservas em hotel. Após o passeio inicial, Roberto leva Prudence e Albert a uma pousada gerenciada por uma condessa, que abriga turistas de todos os lugares do mundo. Lá ela conhece Don Porter, um estadunidense que está desiludido, pois acaba de ser deixado por sua noiva, que havia decidido viver um período na Suíça.

Enquanto isso, Roberto tenta se aproximar de Prudence, dizendo estar na Itália em busca de um grande amor que ainda não conheceu. Coincidemente, as histórias dos personagens se assemelham. O problema é que Roberto é um homem

mais velho, experiente em relacionamentos amorosos e Prudence acha melhor seguir os conselhos de sua mãe e se afastar dele.

Esta cena coloca o italiano como uma pessoa irresistível. Se ser italiano é ser sedutor, portanto o italiano é um ser “perigoso”. E, assim, é traçado o perfil dos homens que Prudence poderá encontrar na Itália. Roberto, interpretado pelo reconhecido ator Rossano Brazzi, é um galanteador charmoso, *irresistível*, que se aproxima da jovem estadunidense.

Ao conhecer o também estadunidense Don, ambos fazem um passeio romântico ao norte da Itália. Durante um jantar, o casal é abordado por um mascate que oferece diversos produtos. Don fica encantado com um candelabro e o compra, afirmando que aquele objeto significaria o “símbolo de sua integridade”, seu respeito por Prudence. A promessa de um amor puro que viveriam dali para frente e respeitoso em relação à virgindade de Prudence, como se aquele objeto fosse um cinto de castidade.

Figura 11 – Don compra o candelabro (34'33")



Filme: *Candelabro italiano*

Em outra cena, eles jantam em um pequeno restaurante, a música *Al di lá* é interpretada ao vivo, ao cair da noite, e o clima de romance domina a cena. O restaurante é um local semelhante a uma taberna, com pouca luz e, no pequeno palco, os músicos se apresentam.

Don encontra um músico conhecido que o convida para assistir ao seu *show* em outro local, um bar que tem apresentações de *jazz*. No bar, o ambiente é outro, com pessoas dançando e vibrando com a música. Durante o *show*, o músico vê sua

acompanhante, que tem uma faca em sua cinta-liga, nos braços de outro homem. O local se transforma em palco para uma briga, tanto que o músico aconselha Don a sair dali e levar Prudence, pois a situação poderia ficar incontrolável e perigosa.

O jovem casal retorna para a pensão em uma charrete de rodas vermelhas, em um romântico passeio na noite romana. O condutor diz para o casal que o amor não necessita de um candelabro. Prudence está encantada, diverte-se e acha tudo “maravilhoso”. Ao chegarem à pousada, entram silenciosamente para que ninguém perceba que estavam juntos noite adentro. Neste momento, já com 45 minutos de filme, o primeiro beijo do casal acontece.

No dia seguinte, iniciam passeios de Lambretta por diversos locais, desde Ostia Antica (cidade próxima de Roma), até o norte do país, na divisa com a Suíça, no Lago Maggiore. Passam por Florença, Arezzo, Orvietto e Pisa. Nos Alpes, sobem em um teleférico e o sistema de som toca *Al di lá*. Cenário e música perfeitos para um encontro romântico.

A metrópole é deixada para trás, mas nem por isso os cenários deixam de ser atraentes e convidativos para cenas de um casal apaixonado. Não só de monumentos vive o país. A natureza atrai os estrangeiros e o cenário para outro beijo está formado, na varanda de uma pousada com vista para os vales e os Alpes do norte do país.

Antes, o dono da pousada deixa a jovem envergonhada ao insistir para que o casal ficasse no quarto de núpcias. Apesar de estar em busca de seu grande amor, ela se sente constrangida com as insinuações do italiano, que garante que ela “suspirará de prazer em sua pousada”. “Eu poderia ter cavado um buraco no chão e me enfiado nele”, afirma a recatada Prudence.

No jantar, as gotas de chuva que se misturam na vidraça do restaurante são comparadas aos casais que se encontram por força do destino. Don observa que isso acontece com os amantes, a intimidade entre duas pessoas, uma aproximação involuntária que acontece de acordo com o destino das pessoas, criando uma intimidade ainda não retratada para o casal. O filme de 1961 expõe, novamente, a marca Stock e sua bebida Strega.⁵ A primeira aparição da bebida havia sido no encontro do casal na Piazza Navona.

⁵Strega, bebida muito conhecida na época e característica por suas ações de *marketing* inovadoras, como, por exemplo, utilizar o cinema como mídia. Em outra cena, enquanto janta com Don, degusta novamente a bebida e, além da garrafa, a marca aparece em um cinzeiro sobre a mesa. Segundo a

Figura 12 –Novamente, tomando Strega, a chuva dá o tom romântico da cena (1:14')



Filme: *Candelabro italiano*

Além dos passeios de Lambretta, as feiras livres são outro ícone de representação do país no cinema (como veremos mais adiante). Don e Prudence saem em busca de queijo e vinho em um cenário colorido, alegre. As cenas apresentam diversos produtos, belos e cheios de frescor. A presença da feira livre pode ser considerada outro ponto de diferença em relação aos hábitos estadunidenses. O país americano é conhecido por seus hambúrgueres e comidas industrializadas, pelo *fast-food*. A comida mediterrânea, mais saudável, simboliza outro item de deleite que só a Itália pode proporcionar.

Ao retornarem para Roma, Linda, a noiva que havia deixado Don, está na pousada e fica claro que o roteiro romântico que o jovem casal fez, já havia sido feito por ela com o próprio Don, o que deixa Prudence desiludida. Linda representa a vilã da história, o contraponto da bela história de amor vivida por Don e Prudence.

A bibliotecária decide retornar à América e a condessa, dona da pousada, lhe diz que não perca a esperança: “Volte algum dia. Da próxima vez, encontrará a felicidade”.

lenda das bruxas (*streghe*, em italiano), quando duas pessoas apaixonadas bebem Strega juntas, permanecem unidas para sempre. E o casal aparece por duas vezes tomando a bebida. A marca ficou conhecida na época pela sua agressividade nas campanhas nos veículos de comunicação, utilizando o cinema como mídia para seus produtos.

Figura 13 – Don está na América, aguardando a chegada de Prudence (1:58')



Filme: *Candelabro italiano*

Para surpresa de Prudence, ao chegar ao porto, já nos EUA, ela vê o candelabro em meio à multidão. É Don, que a aguarda com o símbolo de sua integridade nas mãos. Prudence encontrou o amor na Itália e ele veio atrás dela até a América. Como diz Don: “Vim de avião. Caí do céu”.

3.4 O amor não é um produto que se vende dando brindes

A comédia *Quando setembro vier* conta a história do empresário estadunidense bem-sucedido Robert, interpretado por Rock Hudson, que tem uma casa de veraneio na Costa da Ligúria. Ocorre que ele chega de surpresa antes do período usual e encontra hóspedes em sua mansão. Como ele só utiliza a casa um mês por ano, durante suas férias da América, no restante do tempo ela deveria ficar vazia, mas seus funcionários decidem fazer dela um hotel: o *Dolce Vista*.

Maurice, seu mordomo, inventa inúmeras desculpas até que confessa que, como seu patrão só permanece na Itália um mês por ano, decidiu criar um hotel para, segundo ele, “ajudar na manutenção da residência”.

Durante a viagem entre Milão e sua mansão, Robert encontra alguns jovens com os quais tem um pequeno desentendimento. Momentos depois, esses mesmos rapazes aparecem na mansão como hóspedes. Robert não os aceita e eles acampam na praça em frente à casa e logo conhecem as colegiais que estão hospedadas no Hotel Dolce Vista, iniciando um flerte.

A relação de Robert e seu mordomo passa a ser permeada atritos e a troca de farpas é constante. Em certa ocasião, o mordomo diz a Robert: “A casa fica vazia. É como um marido que só passa um mês por ano com sua mulher”, afirma provocando o patrão sobre seu relacionamento com Lisa.

Figura 14 – A mansão transformada no Hotel La Dolce Vista (14'20")



Filme: *Quando setembro vier*

Lisa, a noiva de Robert, sai de Roma e chega à mansão na Costa da Ligúria. Porém, aprova o movimento, o entra e sai de colegiais e das senhoras que cuidam das jovens, as hóspedes do “hotel”. Também aprova o flerte dos meninos acampados em frente à mansão de Robert Talbot.

A comédia segue com Robert aconselhando as jovens a não se deixar tratar como mercadorias fáceis, mas presenteando os homens com pequenas amostras grátis. “Quando se faz compras no mercado, nunca se compra o que já foi muito mexido! O amor não é um produto que se vende dando brindes”, afirma Robert, ao aconselhar uma das colegiais, protegendo-a dos meninos.

Figura 15 – Lisa decide largar Robert (1:17')

Filme: *Quando setembro vier*

Ao saber dos conselhos de seu noivo para as hóspedes, Lisa se sente ofendida, já que é noiva de Talbot apenas um mês ao ano, sentindo-se exatamente como uma mercadoria e decide ir embora. A dramatização da cena é longa, uma sequência de mais de cinco minutos em que Lisa joga um charme para provocar Robert e, em seguida, diz para ele se atirar da varanda da casa. Primeiro provoca seu noivo e depois o dispensa, mas não muito certa do que está fazendo.

Em seu quarto, faz as malas e sai pela porta da frente dizendo que “o mercado está fechado”, em uma alusão aos conselhos que Robert havia dado a uma das colegiais.

Ela afirma que Robert nada perderia, mas apenas a oportunidade de vê-la uma vez ao ano. Rapidamente, Robert arrepende-se de deixá-la partir e vai atrás. Neste momento, a película adquire características de uma comédia das mais populares. No caminho, ele até compra um caminhão carregado de patos para alcançar Lisa em seu caminho para Roma. Desastradamente, por não dominar a língua italiana, compra o caminhão de uma pessoa que não era a proprietária do veículo. O italiano não entende o que Robert diz e vice-versa, mesmo assim, Robert dá uma quantia em dinheiro para o rapaz e dispara com o caminhão atrás do ônibus onde está Lisa. O “vendedor” do caminhão pega sua bicicleta e vai embora.

Na perseguição, Robert afirma: “Vou para os EUA, onde as pessoas se casam sem pensar”, ou seja, pouco levam em consideração os sentimentos, o amor. Parece-lhe muito mais simples. Apesar disso, é para a Itália que, anualmente, volta para encontrar sua amada.

Ao retornar ao local onde adquiriu o veículo, a polícia já está presente e leva Robert preso para Roma. No trajeto, o carro de polícia passa por alguns pontos turísticos de Roma. Lisa, que está fazendo nova prova de seu vestido de casamento, também é colocada no camburão como cúmplice de Robert. Neste momento do filme, as explicações para o que acontece pouco importam. O importante é que o casal se reencontre e o romance seja reatado. Eles discutem, Robert é preso por alguns dias e quando sai da prisão, está decidido a voltar aos EUA.

A cena do reencontro ocorre na estação de trem de Roma. Robert já embarcou para o aeroporto, mas Lisa consegue entrar no trem e o convence a não voltar para a América. O detalhe é que Lisa está vestida com a roupa de seu casamento com o britânico, que novamente é deixado por ela.

De volta à mansão, novos hóspedes: um grupo de freiras janta com o casal. A madre superiora estranha o comportamento deles e vai questionar o mordomo Maurice sobre a veracidade de serem casados. No entanto, eles ainda não são casados formalmente e o filme termina com os dois mostrando a satisfação de estarem juntos, independentemente de estarem casados ou não. Mas pouco importa, pois o final feliz está na tela.

Figura 16 – Cenas finais com novas hóspedes (1:48')

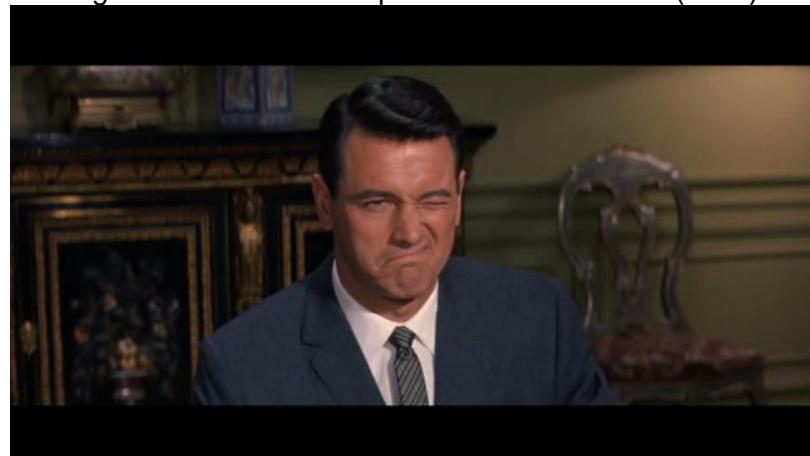


Filme: *Quando setembro vier*

Figura 17 – Provocando o noivo (1:48')

Filme: *Quando setembro vier*

Figura 18 – Robert conquista de vez a italiana (1:48')

Filme: *Quando setembro vier*

Terminar o filme desta forma demonstra que não faltam aventuras na Itália, que o amor vence qualquer obstáculo e que é possível conviver com diferentes, como os jovens do início do filme ou as freiras no final. Ao mesmo tempo, sinaliza a ambiguidade: seria a aliança o real enlace do casal, ou seria um disfarce? Casariam, definitivamente, ou seguiriam o amor livre? A resposta fica em aberto...

3.5 Quem não gostaria de comprar uma vila na Toscana?

Em *Sob o sol da Toscana*, a escritora Frances está desiludida, sem forças para recomeçar a vida após o divórcio. Já na Toscana, em uma das paradas da excursão, uma mulher lhe chama a atenção em uma feira livre: Katherine.

Katherine é linda, exala liberdade e romantismo, representando o estereótipo criado pelos estadunidenses sobre as musas italianas. E são justamente essas sensações que Frances quer encontrar na Itália. Ela perde de vista a misteriosa mulher que usa um grande chapéu preto, mas, logo em seguida, Katherine se aproxima de Frances, que observa anúncios imobiliários e pergunta se está interessada em algum imóvel, afinal “quem não gostaria de comprar uma vila na Toscana?”.

As duas conversam brevemente, mas o encontro não sai da cabeça da escritora que segue no ônibus com seus companheiros gays.

Figura 19 – Katherine provoca Frances (18'30")



Filme: *Sob o sol da Toscana*

Ao passar de ônibus em frente a uma casa, reconhece a Villa Bramasole, do anúncio na imobiliária. Indecisa em um primeiro momento, decide descer do veículo. Ao entrar na *villa*, um casal já está negociando com a proprietária. Frances atravessa as tratativas e faz uma oferta pela casa. Ainda incerta com sua decisão, hesita. Ao fazer as contas se estava pagando um preço correto, pensa em voz alta o que deve deduzir do valor: as despesas com a reforma, documentação e, segundo ela, “um carro para se suicidar após perceber o erro que cometia ao fechar o negócio”. Afinal, tudo estava sendo feito por impulso, como a Itália sugere, sem pensar nas consequências.

Como está difícil chegar a um acordo, decide se retirar da casa. Neste momento, um pássaro suja sua roupa e a senhora proprietária observa o fato como um momento de magia, como o sinal que faltava para fechar negócio. A dona da

casa para de chorar de tristeza pela perda do marido e exalta o sinal que recebeu dos céus, obtendo a certeza de que estava tomando a decisão certa.

Todo o negócio é feito de forma simples, sem garantias, muito diferente do que ocorre nos Estados Unidos. Tudo é estranho e fascinante para Frances.

Além da decisão de mudar radicalmente de vida e comprara vila na Toscana, para descansar e poder terminar em paz seu novo livro, Frances está na Itália e, é claro, um novo homem vai reacender sua paixão.

Figura 6 – No cartório, recebendo as chaves de sua nova casa (25'30")



Filme:*Sob o sol da Toscana*

Frances estranha a facilidade das tratativas e a advogada do cartório simplifica, dizendo que não há como ela fugir com a casa, “não é uma Lambretta. Além disso, o sr. Martini [o corretor] gosta de você”. Isso basta para que o negócio seja fechado. Entrega as chaves a Frances antes mesmo de ter as garantias pelo negócio fechado.

Sua amiga Patti, que a presenteou com a viagem para a Itália, por telefone, pergunta se ela já conheceu seu novo amor. Frances sorri e ignora a brincadeira no momento em que se inicia uma tempestade. Ela está sozinha no casarão, a noite é repleta de raios e trovões. Já na primeira noite, volta a se questionar se havia tomado a decisão correta.

Na cabeceira da cama, há a imagem de uma santa, a quem se apega, pedindo proteção. Neste momento, uma coruja entra em seu quarto e ela pensa que se a ave está lá, é porque se trata de um local seguro.

No dia seguinte, o corretor de imóveis, Martini, vai até sua casa e a acalma. Além disso, auxilia Frances na contratação do empreiteiro que fará a reforma em sua nova casa. Nenhum deles é especialista: um garoto, um poeta e um homem que aparenta problemas mentais são liderados por um profissional que parece não saber exatamente o que faz. Mas é a Itália e os pedreiros se transformam na nova família de Frances. Ela passa a cozinar para eles, frequentar a casa de seus familiares e se envolver com o dia a dia do mais jovem operário, atuando como cupido em sua paquera.

Dias depois, reencontra Katherine, símbolo do que a Itália representa para o cinema hollywoodiano: liberdade e sedução. E ela provoca, dizendo que flertar na Itália é comum, logo após Frances ser assediada por um homem casado em uma mesa, jantando com a família de Martini.

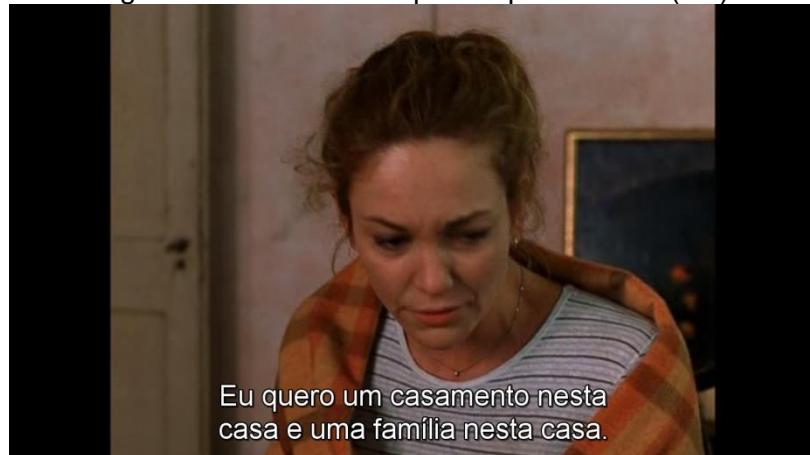
Figura 21 – Katherine incentiva Frances a procurar um novo amor (42')



Filme: *Sob o sol da Toscana*

Sozinha em sua casa, passa a contar com a presença constante de Martini, o corretor de imóveis. Mas este é casado e afirma não querer que algo aconteça entre eles. Frances continua, apesar de sua tristeza e incertezas, a fazer planos para a casa, imaginando-a cheia de gente, alegre como uma típica família italiana, com crianças correndo e pessoas se casando.

Figura 22 – Frances faz planos para a casa (46')



Filme: *Sob o sol da Toscana*

Em um passeio por Roma, conhece Marcello, que a convence a ir com ele para Positano, onde está sua família e fazer compras para sua casa. Frances tem uma noite de amor com o italiano. Ao retornar para Bramasole, sente-se viva com o novo romance, vibra sozinha em sua mansão. Mas, ao decidir fazer as malas para reencontrar Marcello, sua amiga Patti, grávida, chega a sua casa e diz que foi deixada por sua companheira. Frances passa a cuidar dela.

Um dia, enquanto colhe azeitonas com a família dos empreiteiros que reformam a casa, vê, de binóculos, que Marcello está em sua casa, conversando com Patti. Corre em direção à casa, mas não consegue alcançar seu amante. As semanas passam e a criança nasce. Dias depois, Frances acredita que está na hora de ir atrás de Marcello.

Já em Positano, pega uma carona com um funcionário da prefeitura em uma Lambretta. Como está na Itália, o próprio piloto da Lambretta flerta com Frances. Ao chegar à casa de Marcello, alguns homens aparecem na cena como se nada tivessem para fazer, apenas se deleitar com a vida. Estão ali apenas curtindo a vida, sem obrigações, liberdade total.

Frances chama por Marcello, mas sofre uma grande decepção: ele está com outra mulher. E diz que o que viveram foi muito lindo, mas que após ter ido a sua casa, esperava que ela o procurasse. Ela justifica que estava cuidando de sua amiga, mas Marcello acha melhor que vá embora, afirmando que aquilo que viveram foi lindo e muito intenso, mas acabou. Desiludida, ela retorna a sua casa.

Durante a reforma, Frances cozinha para os operários que passam a ser sua família. Exceto o empreiteiro, os demais são todos imigrantes do Leste Europeu, com dificuldades, inclusive, de falar italiano ou inglês.

Após finalizada a reforma, Frances vê sua casa cheia com o casamento do mais jovem dos operários, ali realizado.

Figura 23 – Sonho realizado: sua casa está cheia de vida (1:42')



Filme: *Sob o sol da Toscana*

Apesar de não ser o seu casamento, a casa está repleta de pessoas, que passam a formar sua família, há uma nova criança em casa, filha de sua amiga Patti e todos comem alegremente. Tudo aquilo que Frances desejava para sua nova vida na Itália.

Só falta uma coisa: um amor. E este surge nas cenas finais. De repente, um jovem chega a sua casa e se apresenta como um escritor que há muito gostaria de conhecê-la.

Como só na Itália é possível, um novo amor surge, justamente com outro estadunidense, mas o cenário só poderia ser no país onde o amor acontece. Apesar de se tratar de um compatriota, um homem educado e charmoso só poderia ser encontrado na Itália.

Enfim, todos os desejos da estadunidense foram realizados na Toscana.

Figura 24 – Um novo amor para Frances (1:44')



Filme: *Sob o sol da Toscana*

3.6 Nesta cidade, tudo é uma história

Para Roma com amor não narra a história de um casal. É o cotidiano de Roma que ganha destaque e várias histórias são contadas. Como diz o policial, que, além de pôr ordem no trânsito caótico da cidade, é o narrador: “nesta cidade, tudo é uma história”.

A primeira personagem é uma jovem turista estadunidense, Hayley, que, perdida entre vielas e monumentos, pede informações para Michelangelo, um jovem italiano com quem inicia um relacionamento. Ao mesmo tempo, na estação de trem, um jovem casal interiorano chega à capital em busca de uma vida melhor e um emprego para o marido.

Mais um personagem é apresentado, um arquiteto estadunidense que estudou na Itália anos antes, está sentado com a esposa e um casal de amigos em um restaurante com mesas ao ar livre, cena que também se repete nos demais filmes.

Figura 25 – Celebridade instantânea é perseguida por repórteres na porta de casa (28')



Filme: *Para Roma com amor*

Outra história paralela, característica dos filmes de Allen, um típico italiano de classe média, trabalhador, tem seu dia a dia monótono, de casa para o trabalho e do trabalho para casa, modificado totalmente por uma emissora de televisão. Um programa decide transformá-lo em celebridade instantânea, e ele passa a ser perseguido por repórteres 24 horas por dia. Por isso, consegue uma promoção em seu emprego, passa a ser convidado para diversos eventos importantes e a ser entrevistado em programas de televisão para dar declarações sobre o que comeu no café da manhã ou que tipo de cuecas usa.

O ator Roberto Begnini, que interpreta a celebridade Leopoldo, faz um papel que é característico de suas atuações. Ele é um comediante que rotineiramente tem papéis parecidos com o que faz neste filme. Uma pessoa atrapalhada e sonhadora, que passa por situações que beiram o absurdo. Em sua primeira participação em um programa de TV, a apresentadora lhe pergunta o que havia comido no café da manhã. Ao responder, a jornalista vira para a câmera e diz: "Então podemos dizer, sem sombra de dúvidas, que Leopoldo Pisanello prefere duas fatias de pão torrado no café da manhã". A nova celebridade, sentindo-se incomodada, não entende o interesse por sua vida.

Figura 26 – O tenor só canta no chuveiro, mesmo estando no palco (1:38'25")



Filme: *Para Roma com amor*

Outra pessoa comum que circunstancialmente se torna celebridade é o futuro sogro de Lillian, mãe de Hayley, que é dono de agência funerária, e esconde um talento: é um tenor lírico amador, mas que só canta sob o chuveiro, interpretado por Fabio Armillato, um renomado tenor em atividade.

Mark, personagem de Woody Allen, pai de Hayley – está na casa do namorado de sua filha e começa a ouvir uma bela voz vinda do banheiro. Naquele momento, Mark já começa a traçar planos para seu pupilo, o novo – e inusitado – tenor, que só canta sob o chuveiro. Mark, que é produtor musical incompreendido na América por suas montagens sempre diferenciadas, passa a ser seu empresário, levando ao palco um chuveiro para que o amador possa executar com qualidade sua apresentação. Na Itália, o tenor passa a fazer apresentações em teatros lotados.

Enquanto isso, a história do jovem casal do interior se desenrola com outras situações inesperadas. Enquanto o marido se vê envolvido com uma prostituta que invade seu quarto por engano, já que havia sido contratada por uma pessoa, mas lhe deram o número do quarto errado, a esposa sai pelas ruas da cidade à procura de um cabeleireiro. Ela se perde pela cidade, sendo esta uma oportunidade de mostrar a beleza dos locais por onde ela passa, até que encontra uma equipe de cinema que está gravando um filme com um de seus atores prediletos e, rapidamente, se envolve com o galã, que é baixinho, gordo e careca... mas é a Itália e o romance acontece!

Enquanto isso, seu marido tenta explicar à família o que aquela mulher fazia em seu quarto, vestida com um curto vestido vermelho, não muito apropriado para uma mulher do interior.

A prostituta Anna vai à festa onde o casal seria apresentado à sociedade romana e ali conseguiria um contato para trabalhar na empresa da família. Vários empresários reconhecem Anna, pois esta já havia prestado serviços a diversos deles.

Figura 27 – Além de se perder pela cidade, a interiorana também perde o celular (16'40")



Filme: *Para Roma com amor*

Já Leopoldo, com a mesma instantaneidade em que se transforma em celebridade, perde sua posição para outra pessoa comum que é criada pela mídia. Inconformado por ter deixado de ser procurado pelos veículos de comunicação, Leopoldo invade a rua e tenta chamar a atenção, mas seu período de fama terminou. Na cena, várias Lambrettas quase atropelam o agora cidadão comum, Leopoldo.

Figura 28 – Leopoldo quase é atropelado por diversas Lambrettas (1:32')



Filme: *Para Roma com amor*

Por fim, o tenor que só canta sob o chuveiro, por opção própria, deixa sua vida de estrelato e volta a ser um simples dono de funerária. Leopoldo volta à vida normal, o jovem estudante de arquitetura volta para sua namorada, o jovem casal do interior se entende e Hayley se casa com o italiano. Final feliz em todas as histórias da obra.

Figura 29 – Um morador convida o espectador a voltar à Roma (1:42')



Filme: *Para Roma com amor*

De maneira semelhante ao início do filme, quando um guarda convida a todos a conhecer Roma, ao som de *Volare*, na última cena, um morador da Piazza de Spagna, que está lotada de turistas, convida os espectadores a retornarem a Roma, também ao som de *Volare*.

3.7 Monumentos

O monumento a Vittorio Emanuele II recebe atenção especial em três dos quatro filmes. Apenas em *Quando setembro viera* cena em que aparece é rápida e discreta. Em *Candelabro italiano*, assim que a personagem Prudence chega a Roma, é levada a um passeio em um carro conversível pelas ruas da capital italiana e o monumento é destaque. Em *Para Roma com amor*, as cenas iniciais incluem uma panorâmica do local, que também faz parte da vista do quarto de hotel do personagem vivido por Woody Allen, o produtor teatral Jerry. A personagem Frances, de *Sob o sol da Toscana*, vai a Roma para passear e desce do ônibus exatamente em frente ao monumento.

Muito famoso e imponente, o monumento, coberto de mármore branco, é uma homenagem ao primeiro rei da Itália unificada. Inaugurado em 1911, ficou conhecido como “bolo de noiva”. Além disso, por estar em uma colina, é facilmente avistado de qualquer ponto da cidade e serve como mirante de 360° de todo o centro de Roma.

O Coliseu e o Fórum entre outros locais se repetem nas películas. Nas obras, os personagens passeiam tranquilamente pelas ruas e o vaivém de Lambrettas é constante.

Assim que chega a Roma, Prudence passeia por pontos turísticos da cidade a bordo de um conversível. Roberto dirige o carro e vai mostrando a cidade como se fosse um guia turístico: “Aqui está o Arco de Constantino, o Coliseu, a Colina Palatina e o Monumento a Vittorio Emanuele II”. Este último, se destaca em meio à paisagem repleta de construções de tom marrom.

Figura 30 – Cenas iniciais com o “bolo de noiva”



Filme: *Candelabro Italiano*

Ainda não recuperada de sua separação, a escritora Frances continua triste e decide passear por Roma e fazer compras para a sua nova casa. A primeira cena da personagem na capital italiana é em frente ao monumento a Vittorio Emanuele II.

Figura 31 – Chegada de Frances à Roma (55'30")



Filme: *Sob o sol da Toscana*

Em *Quando setembro vier*, o monumento aparece rapidamente em uma cena em que Robert está no camburão da polícia.

O hotel onde o casal Mark e Phyllis (de *Para Roma com amor*) está hospedado tem vista para o mesmo monumento.

Figura32 – Do Hotel onde Mark está hospedado há vista para o “bolo de noiva” (11'50”)



Filme: *Para Roma com amor*

Mesmo aqueles que não se repetem nas obras, aparecem com destaque, em tomadas que enaltecem a beleza desses locais.

Figura 33 – Fontana de Trevi (3')

Filme: *Para Roma com amor*

Em seu primeiro domingo na Itália, Prudence sai sozinha para um passeio. Mesmo antes do café da manhã, decide se familiarizar com a cidade. Flanando entusiasmada por vielas, escadarias e monumentos em uma manhã de sol, ela diz: “Antes de procurar emprego, no primeiro domingo em Roma, resolvi fazer dela a mais minha possível”.

A identificação com a cidade é imediata. E ela caminha, sem rumo, por diversos pontos turísticos, reforçando o quanto a cidade é agradável e ensolarada. O sentimento de liberdade da personagem é explícito.

Figura 34 – Cada local da cidade deixa Prudence fascinada – Piazza Navona (30')

Filme: *Candelabro italiano*

No dia seguinte, o fascínio por Roma continua. Prudence recebe uma indicação para um emprego e vai até uma livraria que oferece uma vaga de

vendedora. Dias depois, a livraria está fechada para férias. Don encontra Prudence na Piazza Navona e os dois comemoram o novo emprego da personagem na livraria, cuja proprietária, também estadunidense, há muito se fixou na cidade. O romance começa a tomar conta da película e o jovem casal brinda com um Strega.

A bordo de um ônibus de turismo, a primeira parada de Frances em seu *tour* pela Itália é na catedral de Florença, mostrada de baixo para cima, dando uma importância ímpar ao local que, mesmo sob chuva, está repleto de turistas.

Figura 35 – Primeira cena de Frances na Itália (14'20")



Filme: *Sob o sol da Toscana*

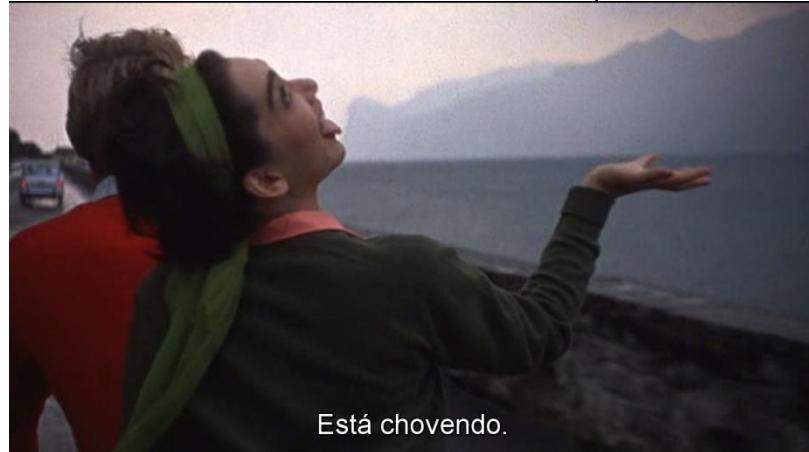
3.8 A Lambretta

Em *Quando setembro vier*, o veículo ganha importância de personagem na cena em que ocorre uma disputa entre o experiente Robert e os jovens estadunidenses hospedados em frente à sua casa. Os jovens estão com as mocinhas nas garupas, e Robert com Lisa, que acompanham e vigiam o grupo.

Para Roma com amor mostra a Lambretta como parte do cenário e do trânsito da cidade. *Sob o sol da Toscana*, além de mostrá-la como um veículo popular do país, largamente utilizada como meio de transporte, a personagem Frances pega uma carona com um funcionário da cidade de Positano para chegar à casa de seu namorado, o italiano Marcello.

Em *Candelabro italiano*, o casal Don e Prudence passeia por diversos lugares em uma Lambretta vermelha. Não só pela capital Roma, mas também pelo norte do país, nos Alpes, próximo à divisa com a Suíça.

Figura 36 – De Lambreta, nem mesmo a chuva atrapalha o romance (1:13')



Filme: *Candelabro italiano*

Nas cenas seguintes, o casal passeia de Lambretta por vales e pelos Alpes. Faz piquenique, troca juras de amor e não se importa quando a chuva chega. Nada, na Itália, atrapalha o amor, a felicidade.

Já em *Quando setembro vier*, após ser surpreendido pela casa cheia de adolescentes, Robert é convencido por Lisa a partir em um passeio turístico de Lambretta pela região, junto com os jovens rapazes e as colegiais que estão hospedadas em sua casa.

Liderados por Tony (interpretado pelo ator e cantor Bobby Darin), o grupo tenta a todo custo despistar Robert. Bobby Darin iniciava sua carreira como cantor e este filme ajudou-o a se tornar mais conhecido na América. Além disso, foi durante a filmagem que conheceu Sandra Dee, estreante nas telas e seu par romântico na obra. Casaram-se logo após o término das gravações, mas se divorciaram em 1967. O cantor/ator faleceu cedo, com 37 anos, pois era cardíaco desde a infância. Sua carreira no cinema teve relativo sucesso, sendo indicado ao Oscar e, como cantor, conquistou um Grammy.

Figura 37 – As Lambrettas fazem parte da trama (59')



Filme: *Quando setembro vier*

Figura 38 – A Lambretta presente no cenário de romance (53')



Filme: *Quando setembro vier*

Figura 39 – Os jovens apostam corrida com o experiente Robert (52')



Filme: *Quando setembro vier*

Em *Para Roma com amor*, as Lambrettas fazem parte do cenário, aparecendo em diversos momentos. O filme tem início com o caótico trânsito da capital italiana e um guarda tentando colocar ordem no local sobre pequeno pedestal, “[de onde] tudo consegue ver”, segundo o próprio policial.

Figura 40 – Em segundo plano, monumento a Vittorio Emmanuelle II e as Lambrettas (2')



Filme: *Para Roma com amor*

Vale notar que as cenas iniciais já colocam as Lambrettas como personagens do trânsito da cidade, em frente ao monumento a Vittorio Emmanuele II. Tanto as motos como o local, como já afirmado, estão presentes nos demais filmes aqui analisados.

Figura 41 – As Lambrettas continuam presentes no trânsito da cidade (18'40")



Filme: *Para Roma com amor*

Figura 42 – ALambretta participa como figurante da cena (1:30')



Filme: *Para Roma com amor*

Em *Sob o sol da Toscana*, apesar de pouco presente, a Lambretta faz parte de duas importantes cenas. Na primeira, Frances é perseguida pelas ruas de Roma por três amigos italianos que brincam com ela. Nesta fuga, diversas Lambrettas cruzam seu caminho.

Figura 43 – Lambrettas fazem parte da rotina da cidade em *Sob o sol da Toscana* (56'20")



Filme: *Sob o sol da Toscana*

Em outra cena, um funcionário da cidade de Positano, além de lhe dar uma carona até a casa de seu amante Marcello, ainda se oferece para esperá-la e levá-la de volta, flertando claramente com ela, comportamento característico de um italiano.

Figura 44 – Frances chega à casa de Marcello (1:27')



Filme: *Sob o sol da Toscana*

3.9 Sol e natureza

A Itália é apresentada pelos diretores estadunidenses como um país não apenas de monumentos grandiosos, carregados de história, mas também como um local em que o sol está sempre presente e a natureza é exuberante. Os passeios são realizados de Lambretta ou de carro conversível.

O sentimento de liberdade que um carro conversível proporciona é explorado tanto no filme de Allen, como em *Candelabro italiano*, *Quando setembro vier* e *Sob o sol da Toscana*. A sensação transmitida é que o país é um local onde não chove e é possível usufruir das atividades ao ar livre sem preocupações. Mas, mesmo se chover, como em *Candelabro italiano*, o prazer da liberdade continuará a ser desfrutado em um conversível ou em uma Lambretta, momentos que só a Itália é capaz de oferecer.

A personagem Prudence, ao desembarcar em Roma, segue de carona com Roberto pelas ruas da cidade a bordo de um conversível.

Figura 45 – O primeiro passeio de Prudence por Roma (11'38")



Filme: *Candelabro italiano*

A mesma liberdade representada pela Lambretta é proporcionada pelo carro conversível nos quatro filmes analisados. O experiente arquiteto do filme de Woody Allen acompanha os jovens que, em seguida, formariam um triângulo amoroso.

Figura 46 – Passeio em carro conversível (23')



Filme: *Para Roma com amor*

Quando setembro vier tem em suas cenas iniciais o motorista de Robert transitando em um conversível pelas ruas de Milão. O trânsito intenso, com diversas Lambrettas cruzando seu caminho do aeroporto até a filial das Organizações Talbot, não impede de mostrar alguns pontos turísticos, como a catedral, em estilo gótico, e o Parque Sempione, a mais importante área verde da cidade.

Figura 47 – Em conversível, por Milão (1'16")



Filme: *Quando setembro vier*

Lisa e Robert marcam de se encontrar na mansão de Robert, na Costa da Ligúria. Ele parte em seu conversível. No trajeto, encontra jovens estadunidenses que estão em busca de aventuras, de amores e de liberdade na Itália. Disputam uma corrida, ele em seu conversível e os jovens em um veículo off-road, também sem capota. A cena prepara o espectador para as trocas de farpas que ocorrerão. Os jovens interessados em um grupo de moças e Robert protegendo as inocentes colegiais em férias, como já citado.

Figura 48 – A caminho da mansão no litoral (9'50")



Filme: *Quando setembro vier*

Em Roma, enquanto passeia prazerosamente pelas vielas, Frances é perseguida por três italianos que flirtam com ela, em tom amistoso, demonstrando não passar de uma brincadeira. Na sequência de cenas, diversas Lambrettas fazem

parte dos enquadramentos, até que, para se livrar do trio, ela abraça um desconhecido, Marcello, dizendo que o estava procurando há algum tempo. Tudo para se livrar dos três que a perseguem alegremente, de forma descontraída pelas vielas da cidade.

Sem perder tempo, Marcello decide convidar Frances para um passeio, alegando que seu primo tem uma loja em Positano, na costa Amalfitana, onde certamente encontrará o lustre que procura para sua casa. O italiano convence a americana com o seguinte argumento: “se você tromba com algo bom, deve segurá-lo até chegar a hora de soltar”. Viva o presente sem se preocupar com o amanhã, este é o modo de aproveitar a vida na Itália. Eles seguem em carro conversível e encontram a família do italiano à beira mar.

Figura 49 – De conversível, Frances segue para sua aventura romântica (59'20")



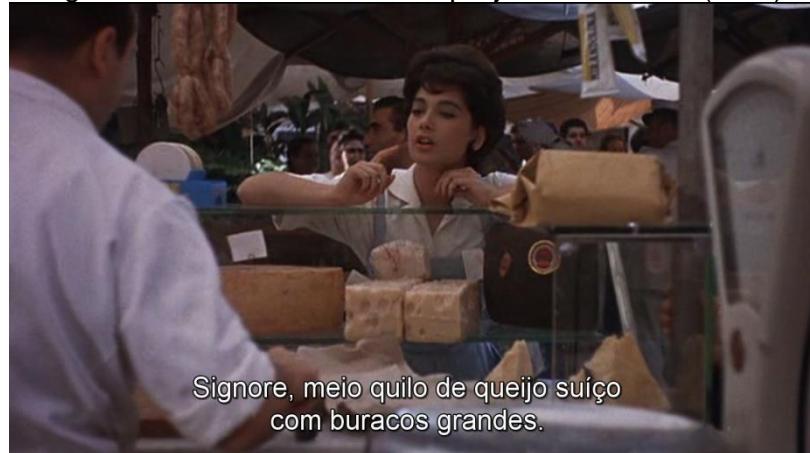
Filme: *Sob o sol da Toscana*

3.10 Feira livre

Assim como os passeios ao ar livre, as feiras são destaque nas obras. A possibilidade de estar ao ar livre, encontrar alimentos frescos e ter prazer ao cozinhar é um contraponto à característica *fast-food* da alimentação estadunidense, além de romântico.

No filme de Delmer Daves, Prudence e Don visitam uma feira livre para comprar queijo e vinho para um piquenique romântico nos Alpes. Trata-se de algo novo para os estadunidenses, a ponto de turistas fotografarem os alimentos frescos.

Figura 50 – Prudence escolhe queijo em feira livre (1:17')

Filme: *Candelabro italiano*

Já Frances, seguindo em seu passeio turístico pela Toscana, visita, em Cortonna, uma feira livre. Além da beleza das hortaliças e frutas frescas, pessoas de diversos locais passam por ali. Todo o país, e a Toscana não poderia ser diferente, confere muita importância à alimentação saudável, com produtos frescos. Um dos sonhos de Frances é cozinar na Toscana para uma mesa cheia de amigos.

E é neste local que Frances encontra pela primeira vez Katherine, uma solitária mulher que, quando jovem conheceu o diretor Federico Fellini e se considera a própria Anita Ekberg, que, em *La dolce vita*, banha-se na Fontana di Trevi. O diretor se apaixonou por ela e lhe disse que nunca deixasse de ser livre. E ela nunca deixou de seguir seu conselho.

Figura 51 – Frances vê Katherine pela primeira vez (16')

Filme: *Sob o sol da Toscana*

Frances demonstra muito prazer ao flanar entre as barracas, em meio a produtos coloridos e de muito frescor e fica intrigada com a misteriosa mulher.

Em *Para Roma com amor*, os arquitetos vão à feira em Roma buscar temperos frescos para preparar um jantar que será determinante para o início do triângulo amoroso entre o jovem arquiteto Jack, sua namorada Sally e a amiga de sua namorada Monica.

Nos três filmes, este é um momento de conversas sobre o amor, sobre a sensação de liberdade, e o arquiteto John aconselha o jovem estudante Jack sobre os “perigos do amor”, afinal ele já viveu tudo aquilo tempos atrás: tinha uma namorada, mas surgiu outra mulher e ele se apaixonou. Nenhum tipo de amor é impossível na Itália.

Figura 52 – Visita a uma feira livre (1:10')



Filme: *Para Roma com amor*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os filmes estadunidenses analisados guardam semelhanças, apesar de serem realizados em diferentes épocas. Alguns personagens com características em comum aparecem nessas películas, como a moça recatada ou desiludida que buscam na Itália a liberdade e o homem ideal (*Candelabro italiano* e *Sob o sol da Toscana*). O galã irresistível, criado por Rock Hudson em *Quando setembro vier*, é semelhante ao primeiro par romântico da personagem da atriz Diane Lane, em *Sob o sol da Toscana*. No filme de Woody Allen, a moça do interior que se deslumbra com a capital italiana, já havia sido retratada por Suzanne Pleshette em *Candelabro italiano*, cinquenta anos antes.

Além dos tipos característicos, pontos turísticos, como a *Piazza Navonna* ou o Coliseu, são paisagens constantes nas obras. A cidade de Positano, local de natureza exuberante, é muito explorada em *Sob o sol da Toscana*, primeiro, na aproximação ao litoral, que mostra uma sinuosa estrada que vai desvendando a beleza do mar e, em seguida, a beleza das casas na encosta. A região da Toscana é explorada no filme com grandes planos de paisagens naturais, pequenos vilarejos, onde não falta uma fonte, a alegre colheita de azeitonas e a casa da personagem Frances, que fica em um local cercado por natureza e muito sol.

Quando setembro vier tem, inicialmente, a cidade de Milão como cenário, na qual o motorista do empresário Roberto dirige um carro conversível – como nos filmes de Woody Allen e de Robert Mulligan – para levá-lo até a empresa do patrão. No caminho, a cidade ganha destaque. Em seguida, o próprio empresário Roberto segue no mesmo Rolls Royce por pequenas estradas em direção à Costa da Ligúria, onde está sua casa de veraneio.

Nos quatro filmes, os dias são ensolarados, a Itália é um país claro, mesmo no alto dos Alpes, na divisa com a Suíça, onde o casal Prudence e Don faz seu romântico passeio, em *Candelabro italiano*.

Com muitas cenas externas, as feiras livres também recebem atenção dos diretores. Exceto em *Quando setembro vier*, os demais filmes têm cenas marcantes de feiras, que podem funcionar como contraponto à cultura estadunidense da comida *fast-food*. Os italianos saboreiam os momentos à mesa, a comida mediterrânea é feita com alimentos frescos, coloridos e cozinhar torna-se um prazer.

Don e Prudence vão comprar queijos. Frances conhece a misteriosa Katherine enquanto saboreia uvas e os arquitetos de *Para Roma com amor* discutem o amor verdadeiro enquanto compram pimentões e hortaliças para um jantar íntimo.

Isso indica que, na Toscana, em Roma, na costa litorânea ou a caminho dos Alpes, as feiras livres se transformam em momentos de prazer nos filmes estadunidenses. Nestes filmes, a feira livre é mostrada como um momento de lazer, de prazer, de consumo e de um novo estilo de vida, diferente daquele conhecido na América, da busca pelo dinheiro em detrimento de momentos de pura distração.

Além dessas características comuns, a música permeia as situações. *Al di lá* – música tema de *Candelabro italiano* – está presente em todo o filme, interpretada de diversas formas, assim como *Volare* contribui para a comédia de Woody Allen. Em *Para Roma com Amor*, é a ópera que está presente na trama. Porém, bem ao estilo do diretor nova-iorquino, o tenor somente se apresenta sob o chuveiro, cena que é levada a diversos palcos e emociona os presentes, mesmo dessa forma inusitada. A obra cinematográfica, feita para atingir um grande público, trata de forma cômica um tipo de música voltada a um público mais restrito e aproxima o espectador comum das narrativas dos filmes.

Com tais características, a Itália é apresentada aos espectadores como um lugar onde o amor está sempre presente, como diz a personagem Mônica de *Para Roma com amor*: “Roma é tão carismática”. Ou “Só um homem pode fazer de uma moça uma mulher”, diz o galã Roberto, de *Candelabro italiano* à estadunidense que busca a felicidade na Itália. Já Rock Hudson, temendo pelo futuro das estudantes hospedadas em sua casa, aconselha: “O amor não é um produto que se vende dando brindes”, enquanto a paquera da moça com um jovem, interpretado por Bobby Darin, tenta evoluir. Em *Sob o sol da Toscana*, a escritora desiludida com o amor diz: “Quem não gostaria de comprar uma *villa* na Toscana?”, já sonhando com um casamento e um grupo de amigos a quem possa reunir em volta de uma farta mesa.

Como já citado, nas análises realizadas, foram encontradas várias semelhanças na representação do país, que se mantiveram com o passar do tempo.

Este estudo exploratório foi realizado como forma de exemplificar e demonstrar como o cinema destaca características de um país que tem no turismo uma de suas principais fontes de renda e de que forma o romântico faz parte desse apelo de venda.

Tais obras foram escolhidas após análise de diversas outras, citadas no Capítulo 2. Nas quatro obras, *Para Roma com amor*, *Candelabro italiano*, *Sob o sol da Toscana* e *Quando setembro vier*, alguns pontos em comum as aproximam.

As cenas de comédia de *Quando setembro vier* podem ser vistas em *Para Roma com amor*, quando o protagonista rouba um caminhão carregado de patos e sai em perseguição de sua amada, ou como no filme de Woody Allen, quando um homem comum se torna celebridade instantânea e outro, transformado em tenor consagrado, só canta sob o chuveiro.

Tanto em *Candelabro italiano* como em *Sob o sol da Toscana*, uma mulher estadunidense segue para a Itália em busca de felicidade e liberdade. As duas caem nos braços de estadunidenses que, na Itália, mudam o comportamento e se transformam em homens ideais, românticos e belos.

Outro fator que une as obras é a Lambretta. Nos quatro filmes, de forma mais evidente ou mais discretamente, o veículo está presente. Nos passeios pela capital italiana ou pela costa litorânea, passando por monumentos e paisagens inesquecíveis, servindo de guia turístico aos espectadores. Os sons durante os passeios, característicos deste meio de transporte são elementos de construção da paisagem sonora italiana.

Em *Candelabro italiano*, o casal Don e Prudence viaja para o norte e, nos Alpes, vive o romance dos sonhos de qualquer pessoa que está desiludida com a vida e busca sua realização, casando-se na Itália e formando família. Tanto Don, que foi deixado por sua namorada que retornou aos EUA, quanto Prudence, que saiu daquele país em busca de maior liberdade, de uma sociedade menos controladora, como a que vivia em seu emprego como bibliotecária em uma escola estadunidense, encontram na região dos Alpes, na divisa com a Suíça, a felicidade. Vários desses passeios são realizados com uma Lambretta.

Pequenos vilarejos, chalés ao pé da montanha, pessoas acolhedoras, restaurantes aconchegantes com música de apelo romântico formam o cenário perfeito para recuperar o emocional dos viajantes que apenas buscam a felicidade. Em determinada cena, Don compra um candelabro de um mascate. Este será o símbolo da união do casal, acompanhando-o em todos os momentos. No restaurante, ao som de uma banda que interpreta “ao vivo” a música tema *Al di lá*, grande sucesso do Festival de San Remo, o casal se aproxima e reafirma seus votos de amor eterno, no país cuja capital é conhecida como a “cidade eterna”.

O cinema se apropria de definições construídas ao longo do tempo e as enaltece como forma de chancelar cenas que trazem personagens inebriados de prazer com a beleza e as sensações que o país provoca nas pessoas em seus momentos de lazer.

O consumo de um país como a Itália é promovido pelo cinema estadunidense. Na comédia do diretor Woody Allen, a capital do país é celebrada como o local da juventude eterna, quando um já experiente arquiteto encontra um jovem que passa pelo mesmo dilema amoroso que viveu décadas atrás, ou pelas celebidades instantâneas que são encontradas, a todo momento, pelas ruas; ou, ainda, pela vocação de um recatado microempresário que, na realidade, esconde um talento que pouquíssimos cantores de ópera podem usufruir. Ainda há o guarda de trânsito da sequência inicial que garante que a cidade é cheia de histórias. Ou um morador qualquer que, na cena final, ao som de uma orquestra que interpreta *Volare*, em uma escadaria ao lado de mais uma fonte – são muitas espalhadas pela capital – diz ter a certeza de que todos que viram o filme estão convidados a visitar a cidade que acolhe a todos muito bem.

Quando setembro vier mostra o outro extremo do que é visto em *Candelabro italiano*. Nesta obra, o par romântico formado por Rocky Hudson e Gina Lollobrigida vive um romance às margens do Mar Mediterrâneo, em meio a turistas que parecem estar ali em busca da total liberdade e de romances que longe daquele país não seriam possíveis.

Além do casal principal, há na trama dois grupos de jovens estadunidenses em turismo pela Itália. Os moços são extrovertidos, estão em busca de belas mulheres, andam de carro conversível e, para se aproximarem das mulheres, desbravam a região sobre duas rodas. O grupo parte de Lambretta por paisagens que emolduram as paqueras, seguidos de perto pelo casal principal, mais experiente, que pretende proteger as “jovens donzelas” dos meninos afoitos por romances.

Como já observado neste estudo, *Sob o sol da Toscana* traz como personagem principal uma crítica literária que descobre a traição de seu marido por intermédio de um escritor descontente com a apreciação que recebeu dela para uma obra escrita por ele. Um casal de lésbicas, amigas de Frances, a presenteiam com uma excursão de gays pela Toscana. A alegria no ônibus que leva os turistas “pega carona” no clima do país visitado, até que, no meio do caminho, ela encontra uma

casa para realizar seus sonhos. E o realiza, com alguns tropeços, amores não-correspondidos, mas nada que pudesse fazê-la se afastar de seu objetivo: seu desejo de ser feliz, rodeada de pessoas interessantes, amáveis, misteriosas e alegres, cardápio que só a Itália poderia oferecer.

Vale destacar que a obra de 2012 retrata uma mulher jovem e moderna que tem amigas gays, algo que não poderia ser abordado em filmes da década de 1960. Além disso, a personagem Frances é surpreendida pelo pedido de pensão por parte de seu ex-marido, tema também difícil de ser exposto cinquenta anos antes.

Em determinado momento, Frances vai ao encontro de um italiano com quem teve um breve romance logo que chega à Itália. Como carona em uma Lambretta vai ao encontro de seu amor. Para sua surpresa, ele já está com outra. Apesar da tristeza de Frances, o sedutor italiano, com um sorriso no rosto, tenta consolá-la. É o charme do italiano presente nas telas de cinema.

Mesmo não sendo italiano, o arquiteto John, do filme de Woody Allen, interpretado por Alec Baldwin, mantém um charme de homem maduro que, estando na Itália, adéqua-se perfeitamente aos estereótipos criados pelo cinema. A diferença é que, agora mais maduro, tenta fazer com que um jovem estudante não cometa os mesmos erros que ele cometeu quando cursava arquitetura em Roma.

Com estas observações, verificou-se durante a análise dos filmes que determinados locais se repetem em diferentes obras, além da presença de pessoas inocentes e experientes e de locais de grande apelo turístico como cenário para encontros. Mas por que o cinema estadunidense apresenta esse tipo de filme? Há motivações?

Apesar de não ser o objetivo deste trabalho, vale apresentar esse questionamento para uma futura pesquisa na tentativa de entender que o cinema apresenta formas de fuga da realidade, de temas que incomodam a vida cotidiana dos estadunidenses, apresentando pessoas que sonham e realizam esses sonhos longe da América.

Os Estados Unidos da América viviam a década de 1960 com o fantasma da Guerra de Vietnã e o cinema de Hollywood levava para as telas histórias de amor, da mesma forma que fez quando produziu as primeiras comédias musicais, anos antes, com o claro objetivo de minimizar os efeitos da crise que abateu o país no final dos anos 1920.

Já nas obras dos anos 2000, histórias de romance e de felicidade parecem servir de apoio para apresentar o país como polo turístico, como mercadoria a ser consumida, pois ali, mesmo histórias que se iniciam de forma inusitada acabam encontrando um final feliz.

Para os nascidos nos EUA, os anos 2000 se iniciam com a queda das Torres Gêmeas, em 2001, e a busca pelos terroristas que abalaram a paz não só no país, mas no mundo. Se, na década de 1960, a luta era contra os países de ideologia esquerdistas, os anos 2000 se caracterizam pela luta contra os países produtores de petróleo e os grupos terroristas.

Como justificar a escolha por esse tipo de gênero em detrimento de outros tantos? Esta não é uma afirmação, mas um questionamento para futuras discussões: os filmes que trazem apenas temas leves em seus roteiros são um meio de fuga da dura realidade vivida pelos estadunidenses? É uma atitude proposital? Parece que sim!

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra. 2003.
- AUMONT, Jacques. **A estética do filme**. Campinas: Papirus. 2006.
- AUMONT, Jacques; MARIE Michel. **A análise do filme**. 2.ed.. Lisboa: Texto & Grafia. 2004.
- BAITELLO Junior, Norval. A cultura do ouvir. **Revista CISC: Seminários Especiais de Rádio e Áudio – Arte da Escuta**, 1997.
- _____. A mídia antes da máquina. **Revista CISC: JB Online, Caderno de Ideias**, 1999.
- CONTRERA, Malena Segura. **O mito e a mídia**: a presença de conteúdos arcaicos nos meios de comunicação. São Paulo: Annablume, 1996.
- GABLER, Neal. **Vida, o filme**: como o entretenimento conquistou a realidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- GARCIA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- LAX, Eric. **Conversas com Woody Allen**: seus filmes, o cinema e a filmagem. São Paulo: Cosac&Naify, 2009.
- LEITE, Sidney Ferreira. **O cinema manipula a realidade?** São Paulo: Paulus. 2003.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 2.ed. Rio de Janeiro: UFRJ. 2001.
- MEDAGLIA, Júlio. **Música impopular**. 2.ed. São Paulo: Global, 2003.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: neurose. 9.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- _____. **O cinema ou o homem imaginário**. Lisboa: Relógio D'água, 1997.
- NAZÁRIO, Luiz (Org.). **A cidade imaginária**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- _____. **As sombras móveis**: atualidade do cinema mudo. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, v.27, n. 53, 2007.
- PROSS, H.; BAITELLO Junior, N. A cultura do ouvir. **Revista CISC: Seminários Especiais de Rádio e Áudio – Arte da Escuta**, 1997.
- SCHAFFER, R. M. **A afinação do mundo**. São Paulo: Edunesp, 2001

- XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico**: a opacidade e a transparência. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra. 2008.
- ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac &Naify, 2014.

Sites

- ADORO CINEMA. Disponível em:<<http://www.adorocinema.com/busca/?q=woody+allen>>. Acesso em: 20 maio 2014.
- CAPELLUTO, Mario. Folha on-line. Disponível em:<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/turismo/europa/italia.shtml>>. Acesso em: 20fev. 2015.
- CAPELLUTO, Mario. Disponível em:<<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/08/1663618-para-woody-allen-artista-tem-de-mostrar-que-tudo-e-insignificante.shtml>>. Acesso em: 3ago. 2015.
- O GLOBO. Disponível em:<<http://oglobo.globo.com/cultura/nada-de-rio-de-janeiro-proximo-filme-de-woody-allen-sera-rodado-em-roma-2813983>>. Acesso em: 29 mar. 2012.
- REVISTA PANORAMA-AUTO. Disponível em:<<http://www.panorama-auto.it/auto-classiche/personaggi/ferdinando-innocenti>>. Acesso em: 2 fev. 2016.
- REVISTA INNOCENTI LAMBRETTA. Disponível em:<https://issuu.com/fluidware/docs/innocenti_lambretta>. Acesso em: 25 abr. 2016.
- OMT. Organización Mundial del Turismo. Disponível em:<<http://media.unwto.org/es>>. Acesso em: 30 maio 2015.
- SABER CULTURAL. Disponível em:<<http://www.sabercultural.com/template/musicas/Pavarotti-Luciano-Volare.html>>. Acesso em:10 jun. 2015.
- FESTIVAL DESAN REMO. Disponível em:<<http://www.sanremo.rai.it/>>. Acesso em: 25 abr. 2016.
- ALMANAQUE GAÚCHO. Disponível em:<<http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegauch/?topo=13,1,1,,,77>>. Acesso em: 25 abr. 2016.

Fontes audiovisuais

Candelabro italiano. Rome adventure. Direção: Delmer Daves. Produção: EUA, 1960. Warner Bros Distribuidora. DVD. 118 min. Legendado.

Os dez mandamentos. The Ten Commandments. Produção: EUA, 1956. Paramount Pictures. DVD. 220 min. Legendado.

Para Roma com amor. To Rome with Love. Direção: Woody Allen. Produção: EUA, 2012. Paris Filmes Distribuidora. DVD. 111 min. Legendado.

Quando setembro vier. Come September. Direção: Robert Mulligan. Produção: EUA, 1961. Universal Pictures. DVD. 112 min. Legendado.

Sob o sol da Toscana. Under the Tuscan Sun. Direção: Audrey Wells. Produção: EUA, 2012. Touchstone Pictures. DVD. 113 min. Legendado.

ANEXOS

DECUPAGEM

PARA ROMA COM AMOR

Créditos de abertura com música *Volare*

1ª cena – Praça com muitos carros e há uma batida. Policial xinga e explica que não fala muito bem o inglês, que sua função é fazer o trâfego fluir e que, em Roma, tudo dá uma história e começa a narrar a história de Michelangelo, um jovem romano.

Turista novaiorquina pede ajuda a estranho para chegar à Fontana di Trevi, já saem para jantar e iniciam um romance.

No dia seguinte, ela conta ao telefone que tudo acontece como se lê nos livros românticos, que encontrara um romano adorável em frente à Fontana di Trevi.

3'53 – Corte para estação de trem: casal interiorano desce em Roma para lua de mel.

4'15 – Famoso arquiteto – elegante – curte seus últimos dias de férias em Roma com amigos.

4'53 – Apresentação de um cidadão romano comum, confiável e agradável.

5' – Novaiorquina vai conhecer família de Michelangelo. Todos à mesa comendo e família dela está chegando em Roma. Pai é estressado, quer que a filha Hayley case-se com alguém de posses.

6'30 – O marido do interior terá um emprego em Roma e a esposa preocupada em como apresentar-se para a família dele, rica e “severa” – nas palavras do marido. Ela sai do hotel para procurar um cabeleireiro.

8'30 – O arquiteto e seus amigos continuam na praça e ele conta de quando morou na cidade, ele era um romântico idiota. Ele sai sozinho pelas vielas de Roma e um jovem estudante o reconhece: John Foy, o arquiteto de *shoppings*? E os dois saem pelas vielas.

10'15 – O cidadão comum romano toma café e fala do preço da geleia com esposa e filho à mesa, um homem comum, lendo o jornal, discutindo o desemprego, cobrando a filha pelo atraso. No trabalho, conversa com os colegas. Mais tarde sai do cinema com os amigos e vai para casa dormir.

12'21 – Pais de Hayley estão no hotel com vista para a cidade e ele preocupado com gorjeta em euros e com o fato de estar aposentado, viajando a passeio. Hayley chega no quarto com Michelangelo e as apresentações ocorrem em um quarto luxuoso. O noivo defensor dos necessitados, trabalhadores e o pai preocupado com o futuro da filha.

15'50 – Interiorana perdida na cidade em busca de cabeleireiro. Pede informações a cidadão comum e a uma mulher muito chique, com a qual fica deslumbrada, sempre com monumentos ao fundo e lotados de turistas.

18' – Estudante convida arquiteto a sua casa. Com a notícia da chegada de Mônica, amiga de Sally, sua namorada, o experiente arquiteto sente o cheiro de problemas.

19'15 – Interiorana perde o celular e flana pela cidade assustada com o trânsito.

19'45 – Começa a confusão. Prostituta invade quarto do interiorano e diz que é um presente de aniversário. Pastelão.

23' – Começa a confusa relação do jovem casal e Mônica.

28'30 – Saem pela Praça Navona ao som de uma sanfona (fole). Com a cidade como fundo, iluminada.

28'40 – A vida do cidadão comum saindo para trabalhar, novamente, mas é surpreendido por fotógrafos que o tratam como celebridade (música italiana ao fundo). Venha Sr. Pisanello, diz o motorista que o coloca em um carro de luxo e o leva para o estúdio de TV.

32'10 – Pais de Hayley vão conhecer os pais de Michelangelo e descem do táxi em frente à funerária. Apesar de simples, rua e casa charmosas.

34'45 – Jerry (Allen) passa a ouvir o cantor Giancarlo no banho. O jantar é no quintal e a conversa é em torno de sua vocação para cantor de ópera.

38'15 – Garota do interior continua perdida e não lembra nome do hotel. Para em frente a uma fonte, desolada. Reconhece atores que estão realizando filmagem e é convidada a assistir. Reconhece seu ídolo. Enquanto isso, marido está no Vaticano com prostituta e familiares.

40'30 – Em passeio pela cidade, o jovem estudante mostra as obras da cidade, elogia o coliseu e mostra o moderno também. Depois, diz que será o cupido, apresentando amigo a Mônica.

44'16 – Pisanello tem um novo escritório onde trabalha e Serafina é sua nova secretária... Por onde anda é cercado por fotógrafos. O lado exagerado dos italianos sobressai, beijando a nova celebridade. A esposa quer aproveitar o sucesso de seu marido e ir ao cinema.

49'30 – Em um carro conversível vermelho, passeiam por estradas e ruínas e o jovem se apaixona por Mônica, sempre tendo a seu lado o experiente arquiteto que antecipa o que ocorrerá com ele. Porque Roma é assim. Mônica, sempre com sua câmera em punho. E o jovem arquiteto se apaixona por Mônica.

50'40 – Jerry convence pai de Michelangelo a cantar em um estúdio com orquestra e ele não vai bem.

54'11 – Desentendimento entre as famílias tem início por causada audição. Jerry ouve o canto do chuveiro e tem uma ideia.

55'25 – A interiorana continua perdida e encantada com os atores na gravação e o ator Luchino Salta, considerado o mais sexy da Itália, muito galanteador – como Roma exige – convence a moça a almoçar com ele.

56'35 – Em um pequeno restaurante, almoçam o noivo, seus familiares e a prostituta. Sua noiva entra para almoçar com o ator. A mocinha inocente cai nas graças do experiente ator.

59'10 – Pastelão italiano: o jovem marido cai da cadeira tentando ver sua esposa com o ator.

59'15 – Pisanello continua fazendo sucesso e é acompanhado por emissora de TV enquanto faz a barba pela manhã, vai cortar o cabelo e a um desfile de moda. Em seguida, em restaurante lotado, consegue uma mesa na hora, acompanhado de sua secretária. Transa com ela e com uma amiga.

1h1' – Mônica continua a impressionar o jovem arquiteto e, esgotadas suas citações de poetas, decide arrombar as termas romanas.

1h03'30 – Mônica diz que “Roma é tão carismática”, sob uma tempestade com o jovem arquiteto Jack.

1h04 – Pai de Michelangelo se apresenta no palco sob o chuveiro acompanhado apenas de piano e é um sucesso.

1h07 – Coquetel em um jardim, sob a sombra de uma árvore, comemoram o êxito da apresentação, mas Michelangelo não gosta de seu pai, Giancarlo, se apresentando no chuveiro. Desavenças continuam, a esposa de Giancarlo tenta esfaquear Jerry. Este coloca sua esposa na frente dizendo que jamais ela esfaquearia uma mulher.

1h09 – A prostituta conhece todos os empresários na festa em que o interiorano é apresentado à sociedade, no jardim da casa de um empresário.

1h12 – A experiente prostituta dá uma aula de sexo ao interiorano.

1h14 – Monica e Jack cozinham. “É muito bom pra ser verdade”. “Se é tenha certeza de que não é”. Transam no carro.

1h17'50 – Pisanello sai do restaurante com uma mulher e é cercado por jornalistas em mais uma bela praça com monumento e Lambrettas, sempre presentes. Ele foge pelas vielas da cidade.

1h19 – O motorista de Pisanello explica o que está acontecendo. Para o carro em um belo parque e diz que Pisanello é famoso por ser famoso. Nem todo famoso merece a fama que tem.

1h20'35 – Prostituta diz que o interiorano Antonio é melhor do que imaginava. Ele fica com peso na consciência.

1h21'25 – O ator leva Milly para o hotel e a impressiona com passos de dança e serve mais bebida.

1h24'50 – Monica continua seduzindo, dizendo que poderiam passear pela Itália – Milão, Nápoles – e ele a ensinaria sobre arquitetura, a câmera passeia pelo parque onde se encontram com um monumento ao fundo e um lago com patos.

1h25'40 – Pisanello sai da barbearia acompanhado da secretária e os jornalistas estão na porta. Ao avistarem um homem comum que desce a rua ao lado de algumas mesas de uma pizzaria, este se transforma no novo famoso e Pisanello é esquecido. Ele fica feliz e sai pela rua cheia de turistas e vai para casa avisar a família que acabou. Agora, Aldo Romano é o famoso da hora.

1h27' – Sally foi muito bem nas provas e, no jantar, o jovem arquiteto contará tudo. Estão em um píer, tomando uma bebida e as pessoas na praia. Monica consegue um papel e larga os planos com o jovem arquiteto. O foco de Monica muda,

1h30' – Milly se convence de que é melhor transar com o ator. Neste momento, o quarto é invadido por um assaltante. Ele de cueca e ela de camisola. A esposa de Luca chega e tudo é contornado. Millytransa com o ladrão.

1h34'40 – Arquitetos passeiam, câmera acompanha viela com Lambrettas estacionadas. Eles se despedem e o jovem diz que o velho arquiteto se vendeu, construindo *shoppings*.

1h36' – Pisanello e a esposa saem do cinema e ele sente falta dos jornalistas. Invade a rua, faz discurso em meio a carros e Lambrettas. Loucura da abstinência. Encontra uma fã e fica mais calmo. Em seguida, encontra o motorista tomando um drinque com amigos e o reconhece.

1h39' – Os interioranos se encontram. Ele não quer se mudar para Roma e leva Milly à loucura.

1h40'45 – O sucesso do tenor continua. Grande produção, mas ele continua cantando no chuveiro, contracenando com os demais atores. É ovacionado, mas Allen é chamado de ridículo.

1h46'15 – Estão em frente a Piazza Spagna. “Esta cidade é incrível. Eu poderia ficar aqui a noite toda...” Uma orquestra interpreta *Volare*), a câmera passeia pela praça e encontra um cidadão comum na janela de sua casa que diz: “Não é o guarda que conhece a cidade, sou eu. Vejo tudo daqui, os romanos, os estudantes, os namorados na Piazza Spagna. Há muitas histórias... na próxima vez que você vier”. A câmera volta a passear e mostra a praça cheia e a orquestra continua tocando *Volare*.

CANDELABRO ITALIANO

0'10 – Na introdução, fanfarra com conjunto de metais, depois cordas (harpa). Tema principal com cordas. Carrilhão, trompete.

1'47 – Créditos em cor-de-rosa com obras de arte.

Prudence se autodefine usando o livro de Fineman. Giro de câmera apresentando adversárias.

4' – Frase: País onde se sabe o que é o amor.

4'30 – Tarantela (música do sul). Vestida de rosa.

8' – Abre baú e retira camisola cor-de-rosa.

9' – Adão expulso do Éden, Albert Stellwel Nerd se assombra com Prudence

11' – Arrivedeci liberdade (com estátua)

11'40 – Fanfarra *city tour* mostrando a cidade. O tema apresenta a cidade (Lambretta)

Local onde Mussolini fazia discursos – início de *Para Roma com amor?*

13' – Valsa. Condessa alberga os dois.

14'15 – Don aparece e recebe conselhos românticos.

15' – Lisa vai embora e deixa estúdio e Don Porter.

17'30 – Apito de trem. “Nós nunca mais nos veremos”.

17'50 – *City tour*. Roberto mostra a cidade à noite. “Só um homem pode fazer de uma moça uma mulher”. Fraque mais vestido lilás.

19'20 – Sinos tocando – só há um homem.

20'15 – Violinos com suave exploração – gentil.

21'10 – Seresta (pianinho, sininhos), mais beijo.

22'30 – No hotel, condessa.

23'34 – Sinos dando a entender formação do casal com Don. Prudence passeia só.

24'05 – Música + Roma – Carruagem de rodas vermelhas cruzando a cidade. Apresenta praça de São Pedro e apaixonada cidade.

27'20 – Loura burra.

28 – Emprego para Prudence: livraria americana na Piazza Navona, Fonte Bernini. Orquestração com panorâmica na praça.

29'30 – Livraria com *ragtime* (música americana).

31' – Professoras pegam navio para Roma. “Italiano beliscou minha bunda!”.

32' – Don com Strega.

33'30 – Música incidental.

34' – Mascate turco vende o candelabro.

35' – Som de orquestra – imagem cinco músicos. Trejeitos do cantor. Integridade é o candelabro.

39'30 – Tarantela, muda o assunto.

41' – Jazz tocando. *Al di lá* em outro local.

- 44' – Carruagem para Vila Borghese. Andamento tema *Aldi lá* com o tempo da carruagem (cavalo). Sinos ao chegar ao hotel.
- 45'40 – *Al di lá* ao violino.
- 47' – Café da manhã. Prudence de vermelho e *Al di lá*, como fundo.
- 51' – Livraria.
- 52' – Bandolins na cidade. Novo roteiro por Roma.
- 54' – Arezzo – Festa da bandeira, Florença, Pisa.
- 56' – Mediterrâneo.
- 57'10 – Don na varanda. Tema com bandolim e violino.
- 58' – Siena. Câmera mostra detalhe.
- 1h – Tema destacando harpas. Lago Maggiore (Pericoli, norte da Itália).
- 1h01'50 – Teleférico com Aldi lá
- 1h03' – Lambretta vermelha.
- 1h05 – Pousada nos Alpes.
- 1h06' – Tema com pôr do sol.
- 1h07' – Pico dos amantes, de vespa e piquenique.
- 1h09' – Enrolação, lenga-lenga no silêncio. Ele mostra a cultura do país.
- 1h11' – Beijo quente e apaixonado.
- 1h11'31 – Missa com órgão.
- 1h13' – Serestas imitando chuva. Bebem Strega. Gotas de água na janela (como homem e mulher se unindo).
- 1h14' – Tema (razão X intuição).
- 1h15' – Romeu e Julieta.
- 1h16' – Verona. Compram vinho e queijo.
- 1h20' – “Não consigo fugir da minha consciência”. Trem noturno para Roma.
- 1h22' – Close e filhos.
- 1h24' – “Eu amo você”, com tema ao fundo.
- 1h26' – Cigarros mais saxofone (*jazz*)
- 1h 28' – Flagra de Prudence com Don e Lisa
- 1h29' – Prelúdio n. 3 de Chopin.
- 1h31' – Alto-falante atrás da cortina. Cama grande e sozinha.
- 1h32' – As duas se enfrentam.
- 1h33' – Jantar.
- 1h37' – Música: Príncipe Ígor.
- 1h38' – Don volta para casa.
- 1h39' – Volta para livraria e se abre com a proprietária, Deise.
- 1h40' – Casa de Roberto.
- 1h42' – Música + champanhe + aguardar ansiosamente.

1h45' – Sala com lareira mais valsa. Toma sermão e deve voltar.

1h48' – Diz que vai voltar, desiludida, para a América. Lição de moral e conformismo de Roberto. Transformar caçador livre em homem responsável. Ponte dos Anjos – tema da Itália.

1h52' – Pedido de casamento de Albert.

1h53' – Deise chega.

1h55' – Magiore encontra Don e Lyda (Bentley).

1h57' – Chegada ao porto – Tema. Fim com *Aldilá*.

QUANDO SETEMBRO VIER

Música: *September Theme* – Hans J Salter

Abertura com avião descarregando RollsRoyce conversível e música alegre.

Corte para as ruas de Milão com carros, florista, monumentos e os créditos. Todas acenam para carro conversível que o motorista leva ao proprietário.

4'30 – Noiva Lisa, inocente, faz a prova do vestido, mas fica sabendo que Robert está em Milão, ao telefone. Ela está disposta a terminar com tudo, dizendo que ele sumiu e ela conheceu outro homem e vai casar. Com voz macia, ele diz que sentiu sua falta e ela tira o véu e acerta que o encontrará na casa de campo de Robert. Apesar de ser uma empresária de sucesso, ao ouvir a voz de Robert, se desmancha.

8' – Ela dá o fora no noivo na Praça Navona, que aparece em *Para Roma com amor*. A praça cheia de carros e turistas.

10' – Jovens turistas o provocam dizendo que deve ser o carro mais rápido das estradas. Eles ultrapassam Robert, mas, mais a frente, na balsa, vê que eles caíram no rio.

O americano Robert passa 11 meses fora da Itália, em Nova Iorque, e um mês ao ano em sua casa de veraneio, no litoral da Itália. Por isso, seus funcionários transformam a casa em hotel.

13'25 – Ao chegar em sua casa antes de setembro, seus funcionários precisam tirar as indicações de que ali há um hotel, pois ainda é julho...

17' – Há hóspedes e tudo está confuso.

18' – Maurice, o mordomo, diz às hóspedes que ele já foi rico, mas a guerra o deixou meio doido.

28' – Robert descobre tudo e vai tirar satisfações com Maurice.

31' – Maurice e Lisa Fellini (Fellini sempre é referência), tentam convencer Robert a deixar os hóspedes passarem mais uma noite no hotel.

36' – Robert descobre que Lisa divide o quarto com Sandy, uma das hóspedes...

44' – A senhora Alison que cuida das meninas escorrega na rolha de champanhe que Robert abriu e vai para o hospital. Não podem sair da casa enquanto não se recupera.

46'30 – Quando finalmente estão a sós na casa, os jovens do Jeep chegam para se hospedarem. Robert os expulsa. Eles acampam em frente à sua casa com vista para o mar.

53' – Saem para um passeio de Lambretta e Robert vai junto para vigiar as meninas.

54'15 – Fazem piquenique em meio a ruínas e Lambrettas.

1h – Na volta para casa tentam despistar Robert, mas não conseguem.

1:02' – No restaurante, o jovem americano canta e provoca Robert. Robert dança com todas as jovens e dá conselhos.

1:05' – Robert dança com Lisa.

1:11' – Os jovens organizam uma batalha com conhaque para derrubar Robert, mas eles é que caem.

1:16' – Os pais americanos tiram os filhos das ruas e mandam para a Europa (Robert).

1:18' – Quando se faz compras no mercado, nunca se compra o que já foi muito mexido! (Robert). O amor não é um produto que se vende dando brindes.

1:21 – Lisa usa os conselhos de Robert contra ele e discute.

1:30 – Robert vai atrás de Lisa e o carro quebra. Pega um caminhão com patos e segue em frente. Ele alcança Lisa e os patos começam a cair sobre ele.

1:34 – Lisa diz que só para, se eles se casarem e ele concorda.

1:37' – O mordomo diz que Robert é da máfia e há recompensa em Roma.

1:38' – Lisa decide casar-se com o inglês.

1:39' – Enquanto é levado para a prisão, passa pelo Coliseu e outros pontos. O mordomo os leva para a rua Bellagio, 46. Lisa é retirada do hotel e presa no mesmo carro de polícia.

1:45' – Lisa decide ir atrás de Robert na estação de trem. Arma uma cena e consegue tirar Robert do trem.

1:52' – De volta a casa, está com hóspedes: freiras.

SOB O SOL DA TOSCANA

Início com um girassol na tela e um aluno de Frances lançando um livro. Ele quer dar um beijo de língua nela como agradecimento mas ela diz que está casada.

Um escritor se aproxima e comenta sobre a crítica que Frances escreveu e insinua sobre seu marido e fantasias sexuais com adolescentes...

5' – A cena vai para um escritório de advocacia onde é tratado o divórcio de Frances. Seu ex-marido, que ela sustentou o tempo todo, exige pensão alimentícia ou a casa onde moravam. Propõe a compra... Ele quer ficar perto de escolas para crianças.

7'10 – Frances aluga um apartamento em um prédio de divorciados. Seus vizinhos estão na mesma situação que ela. Tristeza total.

8'50 – Encontra com um casal de amigas que terão um filho e elas oferecem uma viagem romântica pela Toscana. Um tour para gays. Ela nega.

11'30 – Volta para seu AP e decide aceitar a viagem. No tour, ela é apresentada como heterossexual e que precisa de ajuda por estar passando por um divórcio. A primeira parada é uma catedral imponente. Em seguida, as estradas da Toscana cheias de girassóis.

14'50 – Uma feira de rua, onde pode-se sentir os aromas das frutas, temperos típicos da Itália. Então, ela avista uma mulher alta, loira que afaga a um pequeno pássaro em uma das barracas com um prazer indescritível. Ela a persegue. Vestida de preto como uma personagem de Fellini, linda e misteriosa.

16'40 – Ela passa a escrever os postais de um colega de viagem em Cortonna. Descreve as maravilhas do local de forma singular e afirma que os italianos sabem se divertir mais do que nós (americanos). O homem nega o cartão, pois sua mãe não acreditaria que ele

escrevera o cartão. E ela sai a caminhar pela cidade: ruas estreitas, carros e muitas pessoas, turistas e locais, todos elegantes e em festa.

18' – Frances para ver anúncios de imóveis e a mulher misteriosa para atrás dela e diz: "Vai comprar? Está apenas de passagem, mas e daí?" Frances diz: "quem não gostaria de comprar uma vila na Toscana?".

19'30 – Ao voltar para o ônibus, vê uma placa de casa à venda e pede para o ônibus parar. Vai visitar a casa. Faz uma proposta sem nem ver a casa. Quando já estava indo embora, uma pomba faz cocô em sua cabeça e a condessa, dona da casa, exclama: "É um sinal!" E vende a casa.

26' – Tudo é feito de forma muito simples e a casa é entregue a Frances. "A casa e a terra que leva dois dias para ser arada", é sua. Música incidental com sopros.

28' – Ao contar para sua amiga americana que comprou a casa, esta lhe pergunta: "Você já conheceu? Quem? A pessoa que você vai conhecer na Itália!".

31' – É acordada pelo corretor que trouxe empreiteiros: o primeiro galã, o segundo gordo que chora, o terceiro, quase cego. O último trouxe a família e um pequeno carro, poloneses: um garoto, um intelectual e outro que parece doente. Contrata Nino.

35' – Pastelão no início da reforma.

36'40 – Os pedreiros, o velho que passa todos os dias na porta da casa, a colheita de azeitonas e ela vai se acostumando com a vida na Toscana.

39' – Frances vai jantar na casa dos poloneses. É paquerada por um dos filhos e de repente chega Katherine, a mulher misteriosa com um chapéu novo.

40' – A velhinha que chora o tempo todo se apaixonou por um amigo na internet, mas quando falou a sua idade ele desapareceu. E Katherine conta suas aventuras amorosas e diz que flertar é um ritual na Itália: aproveite! Conta como conheceu Fellini, que lhe dava conselhos e disse para viver de forma esférica, em todas as direções, nunca perder o entusiasmo juvenil que coisas boas acontecerão,

47' – "Não fique tão triste assim, senão vou ter que fazer amor com você e nunca fui infiel a minha esposa", disse o corretor.

50' – Começa a cozinar para a família polonesa da reforma.

52'40 – Depois do cinema, passeia pelas vielas e reencontra Katherine. Está nua e a casa sendo pintada por um artista de cueca. Katherine lhe diz para ficar feliz, procurar o que fazer, trabalhar na casa que a felicidade virá.

55'15 – Segue para Roma e desce do ônibus em frente a um ponto turístico. É aplaudida por três italianos e perseguida pelas ruas. Abraça um desconhecido para fugir dos três e acaba se aproximando.

57'30 – Troca farpas com quem abraçou (Marcello), mas decide viajar três horas para ir a uma loja de lustres de seu primo – aventura. Xingando, dirigindo como um italiano e por paisagens deslumbrantes à beira-mar.

1:00' – Almoçam à beira-mar e ela é seguida por Marcello em uma praia de Positano e diverte-se. Clima romântico.

1:03 – Quero nadar nos seus olhos azuis! Ela diz que é o que as americanas dizem que ouvem dos italianos e ele fica triste e ela se desmancha. Mas ela se entrega e "pede" para dormir com ele.

1:05 – Na loja do primo, cercado de antiguidades, transa com a americana. Ela leva o gato para casa.

1:08 – Encontra Katherine com freiras e conta a novidade.

1:09'40 – Sua amiga chega a Cortona e conta que foi deixada pela esposa. E está mais acabada que Frances quando se separou.

Tudo é feito de forma simples, com amor, prazer, entre brincadeiras e leituras. O jovem pedreiro transa na cama de Frances e quer casar com ela.

1:16' – Festa das bandeiras em Siena e o polonês lança a bandeira tão bem quanto um italiano, para convencer o sogro a casar-se com a jovem italiana.

1:19 – O que há com o amor que nos deixa idiotas...

1:20' – Ela vê Marcello pelo binóculo e corre atrás, sem sucesso.

1:22 – O parto ocorre ao entardecer. A cena é cortada para uma procissão com flores e Frances trabalha em seu livro.

1:24 – A reforma termina com uma placa: Polônia.

1:25'50 – Frances está só novamente: sem reforma e a amiga cuidando do bebê. Seus livros são entregues.

1:27 – Vai atrás de Katherine e diz que precisa de um vestido branco e vai atrás de Marcello, de Lambretta. Descobre que ele está com outra.

1:32'30 – Ao voltar, encontra Katherine na fonte, como em *A doce vida* e o corretor a tira de lá.

1:40' – Pawel se casa com a italiana em uma capela no meio do nada na Toscana e a festa acontece na casa de Frances. O amor verdadeiro existe na Itália.

1:43 – Ela percebe que seu sonho se realizou: tem uma família, cozinha e um casamento se realizou. No final, uma joaninha pousa nela e um amor aparece: Ed, outro escritor a quem ela criticou.

1:48 – O velho das flores cumprimenta Frances e a torneira seca jorra água. Fim.